



TOMO XXII — N^{os}. 11 e 12

Novembro/Dezembro de 1981

BLUMENAU

em **CADERNOS**

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Novembro/Dezembro de 1981

Nºs. 11 e 12

SUMÁRIO

Página

VOCÊ SABIA?...	322
ORIGENS DO CONJUNTO EDUCACIONAL PEDRO II	324
BRUSQUE NO ANO DE 1881	329
CONCURSO PARA POETAS BLUMENAUENSES	333
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	334
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	341
ACONTECEU... — Outubro de 1981	343
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU	346
LANÇAMENTO DO LIVRO DE NEMÉSIO HEUSI	349
OS CONTOS DE ENÉAS ATHANÁZIO	350
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	353
NOVO PRÉDIO DO ARQUIVO HISTÓRICO	357
CUSTO DA ASSINATURA DE BLUMENAU EM CADERNOS	358
BUBI BUTZKE	358
NOSSOS CORAIS — ONTEM E HOJE (III)	359

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que em fins de 1919, o Tiro de Guerra 475, de Blumenau, em coleta realizada entre os seus sócios reuniu cinco contos de réis (Rs. 5:000\$000) e enviou esta quantia ao governo do Ceará, para socorrer os flagelados daquele Estado?

... que a firma Lage & Irmãos, fundou na capital do Estado um Banco, sob a denominação "Banco Sul do Brasil" em fevereiro de 1920 e que em fins de novembro do mesmo ano, uma filial desse Banco foi instalada na cidade de Blumenau?

... que em janeiro de 1920 chega a Blumenau o Dr. Amadeu Felipe da Luz, nomeado Juiz de Direito, na vaga do Dr. Pedro Silva, promovido a Desembargador?

... que por iniciativa do mesmo juiz, Dr. Amadeu da Luz, no dia 28 de março de 1920 foi fundado nesta cidade um clube de regatas?

... que para a eleição de um Deputado Estadual, na vaga deixada pela renúncia do Sr. Marcos Konder, marcada para 28 de novembro de 1920, a Comarca foi dividida em 11 secções eleitorais, e nelas distribuidos os 1.211 eleitores inscritos, existentes naquela época pela maneira seguinte:

1. ^a	Secção: Sala da Câmara Mun. de Blumenau	120 eleitores
2. ^a	" : Grupo Escolar Luiz Delfino, em Blumenau	117 eleitores
3. ^a	" : Escola Pública de Gaspar, com	76 eleitores
4. ^a	" : Intendência de Indaial, com	100 eleitores
5. ^a	" : Casa Luiz Isolani, em Ascurra, com	51 eleitores
6. ^a	" : Casa da viúva Scoz, em Rodeio, com	200 eleitores
7. ^a	" : Escola Pública em Rio do Sul, com	112 eleitores
8. ^a	" : Sala do Juizo de Paz de Rio do Sul, com	110 eleitores
9. ^a	" : Intendência Municipal de Ibirama, com	19 eleitores
10. ^a	" : Sala do Juizo de Paz em Encruzilhada	153 eleitores
11. ^a	" : Escola Virgilio Campestrini	153 eleitores

Superando assim, o Distrito de Encruzilhada, em número de eleitores o 1.^o distrito, Blumenau, que então ainda incluía o território de Pomerode e Massaranduba?

... que, apesar de não ser agrônomo, o Dr. Blumenau era profundo conhecedor de plantas, de seu cultivo e adubação?

... que para a eleição de Deputados Estaduais, realizada em Blumenau a 2.12.1900, votaram 1.450 eleitores, e que, na de Presidente da República, realizada em 1.º de março de 1902, compareceram apenas 385 eleitores, em 13 secções, das 20 existentes no município de Blumenau, sendo que em 7 secções não foram constituídas mesas para atender aos eleitores, o que corresponde a uma média de 30 eleitores para cada uma das 13 secções que funcionaram?

... que na eleição para Governador do Estado, realizada no dia 3 de agosto de 1902, votaram 1.100 eleitores, abstendo-se da votação cca. de 70%, dos 3.660 eleitores inscritos e na eleição para Prefeito, realizada em 7 de dezembro de 1902, 1.142 eleitores da oposição votaram em Alvin Schrader enquanto que o candidato da situação, o senhor Altenburg obteve apenas 776 votos, tendo deixado de votar cerca de 50% dos eleitores inscritos?

... que invertindo-se os papéis em 1914, na eleição para Prefeito (então Superintendente) realizada em 2 de agosto de 1914, o candidato da situação reinante, Luiz Abry, obteve somente 673 votos, contra o da oposição da época, Sr. Paulo Zimmermann que somou 1.170 sufrágios a seu favor?

... que para esta eleição, em 1914, Blumenau foi dividido em 14 secções, sendo os seus 2.413 eleitores assim distribuídos:

1. ^a Secção:	Câmara Municipal, com	200 eleitores
2. ^a "	: Grupo Escolar Luiz Delfino, com	193 eleitores
3. ^a "	: Salão Paupita, Passo manso, com	195 eleitores
4. ^a "	: Salão Nicolaus Jensen, Itoupava, com	200 eleitores
5. ^a "	: Escola Itoupavazinha, com	199 eleitores
6. ^a "	: Escola Pomerode, com	200 eleitores
7. ^a "	: Escola Pública de Gaspar, com	186 eleitores
8. ^a "	: Sala de audiências de Indaial, com	200 eleitores
9. ^o "	: Escola particular, Benedito M. esq. Timbó	196 eleitores
10. ^a "	: Escola particular Acurra, com	163 eleitores
11. ^a "	: Casa Viúva Scoz, Rodeio, com	145 eleitores
12. ^a "	: Edifício Giovanni Longo, Rio dos Cedros	156 eleitores
13. ^a "	: Salão Berg Hamonia (Ibirama), com	44 eleitores
14. ^a "	: Escola Pública Rio do Sul, com	136 eleitores

... que na eleição para Presidente da República, realizada em 1.º de março de 1930, dos 7.771 eleitores inscritos, distribuídos nas 22 secções de Blumenau, 2.646 eleitores votaram em Julio Prestes e 2.359 eleitores em Getúlio Vargas, comparecendo, assim, 5005 eleitores às urnas?

(Excertos do Vol. XI de "Blumenau em Cadernos")

ORIGENS DO CONJUNTO EDUCACIONAL PEDRO II

Conceição Nunes Tugeiro
Supervisora Escolar

TENTATIVA DE ELABORAÇÃO DE UM HISTÓRICO

1.^a Época — Uma Escola responde a um desafio e se torna um Desafio.

Fase 1 — Primórdios da fundação — 1889-1909.

Governando a Província de Santa Catarina, o Dr. Antônio Gonçalves Chaves, em 1877, existiam em Blumenau várias pequenas escolas.

Buscava, cada uma delas, um interesse particular e, sem dúvida alguma, não fugia a essa regra a maior de todas, na época: a dirigida e fundada pelo primeiro vigário de Blumenau: Padre Maria Jacobs — Escola São Paulo.

Escola mista, de cunho religioso, aceitava alunos de todos os credos, mas, mantinha, de modo inflexível, certos exageros religiosos da época, o que muito aborrecia a população de Blumenau, em sua grande parte evangélica.

A chamada "Elite Blumenauense", desejosa de revidar ao que diziam ser "agressão religiosa", partiu para a Corte a fim de lá obter a licença para começar em Blumenau uma Escola do Governo.

Na confusão da instalação da República, — 1887 — 1889, era quase certo que a tentativa seria vã. O Brasil saía da monarquia e os colonos alemães não podiam imaginar o que isso significava para os brasileiros. Assim, resolveram, por conta própria, pedir a ajuda de amigos influentes que possuíam em Hamburgo, na Alemanha. Conseguiram, além de um professor chamado Draht, contribuições do próprio Kaiser e do parlamento alemão. (1)

Dentre as várias opiniões concernentes à origem da fundação da escola, destacamos duas:

O professor José Ferreira da Silva afirma ter ela sido a fusão das Escolas Novas de Ruseler e de Wetzel e dá como data inicial de seu funcionamento a de 1.^o de maio de 1889. (2)

O artigo, por nós encontrado, de dezembro de 1888, refutaria tal tese, pois, nesse artigo, o referido professor Ruseler faz propaganda de sua própria escola, que, diz ele, deveria principiar em 1889. (3)

De outro lado, o relatório da Escola Nova de 1910 declara ser este o 22.^o ano letivo. Deduz-se, portanto, que a data de fundação da escola seria do ano de 1887. (4)

Nada temos além dos relatórios para provar o ano inicial da escola.

Já que o Frei Ernesto Emmendoerfer, OFM, em seu artigo (do Centenário) "O Ensino particular em Blumenau" toma como data do início da escola a de 1.^o de maio de 1889 e se levamos em conside-

ração o artigo do "Blumenauer Zeitung" de fevereiro de 1889, por nós encontrado, diremos que a Escola foi recriada em 1889 quando foi organizada a "Sociedade Escolar da Vila de Blumenau", mas já existia antes, desde 1887.

As duas primeiras classes tiveram à sua frente a experiência e a capacidade dos conhecidos professores da época, Wetzel e Ruseler.

O professor Ruseler possuía 21 alunos quando em 16.03.1889 a Sociedade Escolar da Vila de Blumenau, patrocinada pelos eminentes Srs. Probst, Blohm e Scheef e seus 67 sócios beneméritos, decidiu o local de sua instalação, seu início, seus professores, seu currículo e sua Diretoria.

Quando a escola São Paulo, dirigida pelo Pe. Jacobs, durante o governo do Superintendente Municipal Otto Stutzer só conseguia, no ano de 1889 um matrícula de 88 alunos; surgia, desafiando-a, a Neue Schule zu Blumenau em 12.04.1889, logo em seguida denominada Neue Deutche Schule em 1.º de maio de 1889. (5)

Entre seus primeiros professores citamos os nomes de Fritz Mueller que teria lecionado Português e H. Natural; de Vitorino de Paula Ramos, lente de Física e Química Agrícola e o do Prof. Doerck, primeiro professor de Educação Física da escola (vide F. Silva p. 312)

Quando, em fins de 1889, chegou a Blumenau o pastor Hermann Faulhaber e integrou-se na Comunidade através do casamento com a filha de Júlio Baumgarten, um dos primeiros da colonização do município, a sociedade escolar da Vila de Blumenau resolveu entregar ao pastor a Direção da Escola Nova em 1890. Ele a dirigiu de modo competente até 1905. (6)

Em 12 de abril de 1890 ou 12 de julho de 1891, o Dr. Blumenau doou à Sociedade Neue Schule Zu Blumenau, através de seu procurador Sr. Henrique Probst, sob a cláusula "sem condição alguma", um terreno. O ato de doação prescrevia que a escola não deveria ter caráter religioso. (7) (8)

Construiu-se nele um prédio de dois andares em 1893 (9)

Atualmente neste local funciona a Biblioteca Municipal de Blumenau. (10)

Dez anos após a fundação, em 1909 (consideramos 1.º de maio de 1889 como a data da recriação da escola) em 1.º de abril de 1899 a então chamada Neue Deutsche Schule — Escola Nova Alemã — era frequentada por 124 alunos e tinha cinco professores.

2.ª Fase — Implantação de uma escola de nível secundário 1910 — 1916

Impor um regime escolar de uma civilização antiga como o da Alemanha em uma Colônia ainda em formação era uma tarefa bastante árdua.

Aceitar a realidade local e ser aceito por ela não impedia que, como vemos no Relatório de 28.02.1900 da Superintendência assinado pelo Dr. José Bonifácio da Cunha, a escola se debatesse no meio

de críticas e intrigas. Não somente o Pe. Jacobs era criticado e sua escola, mas também o Pastor Hermann Faulhaber.

A não aceitação pela direção da escola das críticas do Governo local pelos castigos corporais utilizados na escola para punir alunos, eram os motivos de frequentes artigos do *Blumenauer Zeitung* da época.

Presidiam então a sociedade que patrocinava a escola os Srs. H. Probst, F. Blohm, Gustavo Salinger, P. Federsen, Faulhaber, A. Schrader. Nela estavam professores famosos tais como Rudolfo Damm, Georg Augusto Buchler e Carlos Jürgens.

Na época eles publicaram e elaboraram gramáticas de Língua Portuguesa, tratados de H. Natural e compêndios de aritmética para as escolas do município e o próprio Faulhaber, no propósito de tratar mais eficientemente o ensino da História Pátria, escreveu e publicou uma História do Brasil em Língua Alemã, para melhor compreensão das crianças que, então, em sua grande totalidade, só conheciam esse idioma. (11)

Relatórios de 1910 — 1911 — 1912 — 1913, existentes na Biblioteca Municipal de Blumenau e no Conjunto Educacional Pedro II, narram, em detalhes, os métodos e o sistema educacional adotados pela Escola Nova em suas diferentes épocas e fases.

3.º Fase — A Expansão de uma Escola — 1917 — 1930

No Relatório escolar de 1910 p. 19 já notamos uma tendência para uma maior nacionalização. O relatório é em português e a Sociedade Escolar da Vila de Blumenau é ali denominada "Comunidade Escolar Escola Nova".

A Comunidade que patrocinava a escola era então de 33 sócios. A diretoria era eleita por um período de 3 anos e destinava-se aos serviços de relações exteriores da Escola. Escolhiam o encarregado das relações interiores da mesma que era chamado de Diretor. O encarregado da classe superior — a Selecta — era denominado Reitor.

A escola funcionava em regime de internato e possuía um calendário cívico-religioso além de classe de trabalhos manuais.

No quadro estatístico de 1910 registravam-se: a média das idades, a proveniência dos alunos, a religião, a língua praticada e falada pelos mesmos, além de sua distribuição, por sexo, nas diferentes classes.

As classes eram denominadas IV, III, II, I e Selecta. Os alunos mais novos, 7 anos, eram os da IV classe e os maiores de 16 anos eram os da Selecta.

Além da professora de trabalhos manuais, a escola possuía cinco professores, mestres das diferentes classes. Revezavam-se para o ensino das diferentes disciplinas e utilizavam a comunidade (12) para atividades extra-classe, tais como o coral, que utilizava o salão do Theatro Frohsim, para seus treinos.

Desejava-se implantar na colônia uma escola de nível das Realienschule da Alemanha. Frei Ernesto Emmendoerfer afirma em seu artigo "O Ensino Particular em Blumenau", que já em 1912, a Escola Nova funcionava em equivalência com nossos atuais cursos de 2.º grau. De fato, o ensino era ministrado em 7 anos com 5 classes; no curso complementar de 3 anos as matérias podiam ser esco-
lhidas.

No relatório de 1913 já se nota um desejo de entrosamento com a realidade da vida escolar da cidade de Blumenau.

Era então Diretor interino o Prof. R. Mangelsdorf. A Escola possuía 6 classes com 260 alunos aos quais 6 professores ministravam 19 disciplinas.

Nota-se nesse relatório a 1.ª tentativa de um histórico da Escola sob o título "A evolução da vida escolar na cidade de Blumenau".

Eis os primeiros diretores da Escola Nova:

1980 — 1906 — Hermann Faulhaber — 1.º Diretor

1906 — 1910 — F. Strothmann — 2.º Diretor

1910 — 1911 — Georg August Euchler — 3.º Diretor

1911 — 1913 — F. Strothmann — 4.º Diretor

1913 — 1916 — R. Mangelsdorf — 5.º Diretor

Após o período da 1.ª Guerra Mundial (1914-1918) esteve fechada.

No ano de 1919 iniciou-se a construção do prédio da antiga Rua Bom Retiro, atual Marechal Floriano, o qual terminou em 1923.

Nos relatórios, percebemos que o crescimento acelerado das turmas da Escola Nova, que já lotavam o prédio da rua das Palmeiras e chegavam a ocupar casas da vizinhança, foi uma das causas da transferência da Escola. Assim, em 1924, a Escola Nova já estava funcionando na Rua Bom Retiro.

Temos em mãos o relatório do ano em que a Escola Alemã de Blumenau completou 40 anos: 1929. (13)

Nele o que mais nos chamou a atenção foi o registro da criação de uma biblioteca circulante em 1972. (14) e como eram redigidos os planos de aula de cada disciplina.

Antes de cada matéria, o objetivo era bem definido (15).

Usava-se em 1929 o seguinte método para ensinar o português aos alunos estrangeiros

Fundamentava-se o ensino, nos dois primeiros anos, na conversação, interpretação e leitura. O objetivo era conseguir, o mais rapidamente possível, a capacidade de expressão na língua do país. Empregava-se a linguagem infantil e partia-se sempre do concreto. Evitava-se a simples decoração sem a compreensão.

As diferentes matérias eram ensinadas de modo interpretativo. O objetivo era capacitar os alunos para estarem aptos a dissertar sobre qualquer assunto. Obedecia-se, no ensino do português, ao programa de ensino dos grupos escolares das escolas complementares,

segundo o decreto n.º 3318, de 24 de outubro de 1928, e dava-se ênfase especial à ortografia.

O relatório de 1929 relata o seguinte sobre como dever-se-ia ensinar Aritmética.

“O ensino da aritmética nas classes superiores, do curso primário, deve ser dado o mais praticamente possível, versando o assunto do problema sobre temas que apareçam na vida cotidiana; a solução deles deve ser achada pelos próprios alunos, com toda certeza e segurança; o professor deve evitar passar problemas cuja solução, só vise à regra. A criança deve resolver o problema analiticamente.

Ex.: Regra de Juros: Capital, taxa, tempo, porcentagem, não deve ser resolvida por meio das fórmulas. Na regra de juros o professor deve sempre fazer com que o aluno chegue a 1%. Para isso não se precisa de uma fórmula mecânica”.

Após essa citação, não precisamos dizer o quanto “moderno” era o método de ensino adotado na época.

Existiam, então, na Escola Nova, oito classes sob a direção do professor Hans Sattler, e a educação física era bem adiantada e organizada, em várias modalidades, para moças e rapazes. Muito desenvolvida, como já vimos, era a Orientação Pedagógica e sentimos sobremaneira termos perdido durante a Segunda Guerra Mundial parte preciosa da organização da Escola Nova.

NOTAS

- (1) vide citação n.º 20 do artigo de “O Centenário” p. 286 do Frei Emmendoerfer — O ensino particular em Blumenau.
- (2) cf. p. 312 Hist. de Blumenau.
- (3) cf. Blumenauer Zeitung 1.º de abril de 1889 p. 3
- (4) O Relatório é sempre do ano anterior.
- (5) cf. Blumenauer Zeitung 1.º de abril de 1889.
- (6) cf. citação de Frei Ernesto n.º 28, o ensino particular em Blumenau — Relatório 1913.
- (7) cf. citação 29 do artigo “O Ensino Particular em Blumenau do Frei Ernesto Emmendoerfer OFM p. 286 Livro do Centenário.
- (8) Ver Relatório 1929 p. 10.
- (9) Vide foto Relatório 1910.
- (10) Em frente à Celesc — ver relatório p. 10. Ver foto Comercial Victor Probst.
- (11) c.f. p. 313, História de Blumenau - Ferreira da Silva
- (12) cf. relatório p. 2.
- (13) cf. levamos em consideração a data de 1889.
- (14) cf. Relatório p. 13 ano 1929.
- (15) desde 1888, ainda na escola de Ruseler, o objetivo de cada aula já era bem definido, de acordo com a psicologia da idade dos alunos.

BRUSQUE NO ANO DE 1881

I PARTE

Guilherme Strecker, da S.A.B.

Procuraremos apresentar em linhas gerais a situação do povo e administração colonial no ano do decreto imperial n.º 8.455 e da lei provincial n.º 920, ambos de março, que emancipou Brusque. Apesar desse fato, continuaram existindo as Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, até o dia 8 de julho de 1883.

Esboçaremos os acontecimentos cronologicamente. Entre os meses de janeiro e junho de 1881, podemos destacar, a enchente de fevereiro, febres em 2 distritos coloniais, abertura de estradas, além das costumeiras dificuldades. Com base na documentação original que sobrou, guardada no Arquivo Histórico da Sociedade Amigos de Brusque, acompanharemos mês a mês a vida colonial. Deixamos a interpretação dos fatos para outra oportunidade. Preenche-se, pelo menos, a lacuna deixada na obra — BRUSQUE — Subsídios para a História de uma Colônia nos tempos do Império — autoria de Oswaldo R. Cabral. Nos últimos 102 dias da administração Dr. Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, foram enviados 95 ofícios, dos quais nos chegaram 31 e mais 4 telegramas passados na cidade de Itajaí; enquanto o diretor interino, engenheiro Julio da Silva Oliveira, assinou 12 ofícios dos quais existem aqui apenas 5; o diretor efetivo, engenheiro Jacintho Adolpho de Aguilar Pantoja oficiou 85 e estão arquivados apenas 28 ofícios e 6 telegramas. Ainda falta encontrar o Livro de Correspondência das diversas direções da Colônia.

As dezenas de contos de réis, injetadas nas Colônias Itajaí e Príncipe D. Pedro, por conta da verba — emancipação das colônias — vieram da Corte ou melhor do Tesouro Nacional do Rio de Janeiro. Todo o numerário precisava ser autorizado pelo Ministério da Agricultura, que o remetia à Tesouraria da Fazenda em Santa Catarina (Desterro), sendo entregue aos diretores das colônias através de um procurador. Era a enérgica centralização administrativa do Império do Brasil.

JANEIRO:

O Alferes Arthur Silveira da Veiga pede remuneração pelos serviços prestados por ele e as praças do destacamento que comandava e que aqui chegaram, parece, na véspera da grande inundação de setembro de 1880.

O diretor pede à Tesouraria de Fazenda de Santa Catarina re-meter-lhe relação nominal dos colonos de que Benfante Demaria é procurador, referidos no Aviso do Ministério da Agricultura de 19 de novembro passado.

Foram pagas 10 contas na importância de 967\$232 réis, despesas extraordinárias do mês de outubro.

Foi autorizado o orçamento do mês, na importância de 2:346\$666 réis, sendo 346\$666 para o pessoal e 2:000\$000 para conservação das estradas. O diretor precisa apresentar contas das despesas do trimestre outubro/dezembro de 1880.

Construíram-se 12 carrinhos de mão à razão de 35\$000 cada.

Dez contas apresentadas perfazem um total de 363\$850 réis.

No dia 20, surge uma séria dúvida entre o diretor e o funcionário Elesbão Pinto da Luz, envolvendo ainda o escriturário José Caetano F. Lima Júnior. Resultou na demissão de Pinto da Luz.

Vários colonos recebem seus títulos definitivos dos lotes, devidamente assinados pelo Presidente da Província e selo com armas imperiais.

No último dia do mês, o diretor remete à Presidência da Província contas na importância de 3:138\$760 réis, que não foram aceitas.

FEVEREIRO:

Através de ofício à presidência, datado do dia 5, o diretor informa sobre o terreno da sede das colônias denominado — Passeio Público —. Nas administrações Paes Leme e Souza Pitanga, quando as colônias atravessaram um período de prosperidade, havia um ajardinamento no alto da colina frequentado pelo público. Com a decadência das colônias, o ajardinamento ficou quase todo abandonado e desocupado. Apenas pequena área onde existem plantas de jardim sendo tudo o mais ocupado com plantações de milho e mandioca feitas por Giovanni Zibardi. Com a enchente de setembro passado, houve muitos estragos, sendo a direção instada a pedir permissão para lotear aquele terreno. Ficaria reservada ao público a área ajardinada.

Colonos italianos do distrito de Nova Trento (linhas Alto e Baixo Braço) e do distrito do Ribeirão do Alferes, tiveram indeferidos seus requerimentos, em que pediam para serem contemplados no número dos necessitados de auxílio. Informa ainda o diretor que a aludida miséria destes colonos não sobreveio devido às inundações.

As despesas do mês com os serviços ordinários importa em ... 2:346\$666 réis.

O diretor Albuquerque Lima afirma à Presidência não possuir os fundos que a Tesouraria supunha existir em seu poder, passados por Carvalho Borges Jr.

A enchente do dia 14 estraga estradas, obras e plantações. Não havia comunicação com os distritos coloniais, mas foram tomadas várias precauções. Às 9 horas da noite as águas começaram a baixar.

O serviço da barca de passagem da estrada de Itajaí foi arrematado por 120\$000 réis (bem inferior ao anterior) e o que atravessa o rio na estrada de Nova Trento por 200\$000 réis anuais.

Pagou-se a conta de 15\$000 réis das despesas de outubro.

Em seguida foi pedido o envio de remédios rogados no mês de novembro passado.

O colono Ernesto Formigi aqui declara ter sido extraviado o seu caixão de pinho de 1m. de comprimento por meio metro de largura, contendo roupas para homens. A perda do caixão ocorreu no Desterro.

No dia 26 foi remetido à Inspetoria Geral de Terras e Colonização com sede no Rio de Janeiro, através do Desterro, um canudo de folha contendo desenhos da comissão de medição.

Precedido dos respectivos editais espalhados pela colônia, foram arrematados no dia 20, três animais do Estado; o preço da arrematação importou em 103\$000. Foi reservado ainda o melhor animal para quando houver requisição das autoridades policiais. Comprou-se um novo animal por 100\$000 réis.

Apresentadas pelo diretor várias contas no valor global de 502\$514 rs., elas foram aceitas mas pagas imediatamente algumas contas perfazendo a importância de 225\$010 rs. O numerário restante aguardou novos recursos financeiros.

MARÇO:

No terceiro dia do mês grassam febres de mau caráter nos 3.^o e 4.^o distritos. Não existem remédios. Vítima das febres, faleceu no dia anterior o sr. Hermenegildo Gelmo, encarregado de um dos distritos.

O colono Hans Todt recebeu seu título definitivo do lote.

As despesas ordinárias foram orçadas em 2.346\$666rs.

Uma relação dos medicamentos e objetos mais necessários à farmácia do governo, feita pelo farmacêutico Manoel L. Aranha Dantas, foi remetida à presidência da Província de Santa Catarina.

Foi reclamado à Inspetoria Geral de Terras e Colonização o não pagamento de diversas despesas.

Novos títulos definitivos de lotes pagos são enviados para cá.

Enquanto isto, seis colonos italianos aqui declaram terem perdido no Desterro suas respectivas caixas contendo objetos.

O diretor procura dar explicações a respeito de um caixão contendo alguns objetos, o qual Teresa Cerutti remeteu ao Imperador. Este fato aconteceu em maio de 1877, no tempo de Pitanga, e o presente colonial ainda não tinha encontrado seu destinatário.

Os contratos efetuados dentro do exercício 1879/1880 estão pendentes do respectivo pagamento. As contas diversas no valor de 2.234\$000 foram pagas com ordem do Tesouro Nacional de outubro de 1880, para cobrir o excesso de despesa feito em julho daquele ano.

A farmácia do governo continua sem remédios e os colonos doentes são socorridos pela farmácia alemã. O diretor questiona se ainda pode dar atestado de exercício ao farmacêutico ?

ABRIL:

O orçamento da despesa que terá de ser feita com estas colônias, neste mês, era de 2:346\$666 rs.

Apresentadas em abril, somente em junho de 1881 foram pagas 36 contas, num total de 6:018\$809 rs. Foram remetidas novas contas na importância de 1:444\$730 rs. que foram autorizadas e pagas menos a conta n.º 11 de 104\$200 rs. dispendida com medicamentos.

Através do ofício n.º 334 de 12 de abril, o engenheiro Benjamin F. de Albuquerque Lima passou a administração ao engenheiro ajudante Júlio da Silva Oliveira. Relata como principais acontecimentos dos 11 meses de sua gestão: além de outras dificuldades, a inundação de setembro, enchente de fevereiro e o desenvolvimento de febres em 2 distritos coloniais. Agradece ainda o auxílio das autoridades.

O diretor interino não pode colher dados sobre o súdito de S.M. Britânica — Mims Ruddy, mas no dia 30 remete uma desconhecida relação dos ingleses existentes nas colônias para a presidência da província.

MAIO:

A 4 assume o novo diretor Bacharel Dr. Jacintho Adolpho de Aguiar Pantoja e poucos dias após pede os conhecidos 2:346\$666 rs.

O contratado Antônio José Schneider terminou as derrubadas de árvores da estrada do Gaspar, na extensão de 21,4 km, recebendo 158\$000 por km. Lá se foram mais alguns contos de réis.

Contas no valor de 1:498\$356 rs. foram apresentadas e pagas a diversas pessoas das colônias. Apesar de inclusas, não foram pagas as seguintes quantias: 75\$000 despesa com a condução do ex-diretor e 21\$300 rs. com o fornecimento de medicamentos.

Em 13 deste mês, retirou-se das colônias o nosso velho conhecido capelão Pe. Alberto Gattone.

JUNHO:

Até os últimos dias de junho, aqui não chegou o dinheiro do orçamento de 2:216\$666 rs. O dr. Jacinto reclamou Ao que parece, naqueles tempos vivia-se um problema atual.

(Conclui com a II.^a e última parte)

CONCURSO PARA POETAS BLUMENAUENSES

Quando se comemorava a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (23 a 29 de outubro), a Fundação Casa Dr. Blumenau lançou um novo concurso literário.

Depois do êxito alcançado com o concurso "Contistas de Blumenau", que resultou no lançamento de um livro homônimo reunindo os melhores concorrentes inscritos, a Fundação está lançando agora o concurso POETAS DE BLUMENAU.

Como explica o regulamento que está sendo distribuído, a rotatividade no concurso objetiva a promoção de outro gênero literário e a revelação de valores poéticos emergentes.

Para total esclarecimento dos interessados em participar deste concurso, que resultará também na publicação do primeiro livro aberto aos poetas de Blumenau, passamos a publicar o regulamento em sua íntegra:

1. A Fundação Casa Dr. Blumenau convida todos os poetas blumenauenses a participarem do seu primeiro concurso de poemas, edição 1982.
2. São considerados blumenauenses os autores aqui nascidos ou domiciliados.
3. O concorrente, independente de idade e instrução, deverá apresentar 3 (três) ou mais poemas (curtos ou longos), inéditos, identificados com nome fictício (pseudônimo), sendo que junto aos poemas deverá acompanhar um envelope fechado contendo o pseudônimo, o nome verdadeiro e o endereço do concorrente.
4. Os trabalhos deverão ser apresentados em 3 (três) vias (papel ofício) e datilografados.
5. Dentre os concorrentes, dez deles serão escolhidos (sem escala de classificação) e publicados no livro "Poetas de Blumenau", juntamente com outros poetas blumenauenses (autores convidados) com livros publicados. Convém ressaltar que os poetas convidados (Beatriz Niemeyer, Eulália Maria Radke, Geraldo Luz, Inácio João de Souza, José Endoença Martins, Lindolfo Bell, Maria Odete Olsen, Martinho Bruning, Oldemar Olsen Júnior, José Roberto Rodrigues, Roberto Diniz Saut e Vilson do Nascimento) não concorrem a prêmios.
6. Os dez poetas escolhidos por uma comissão especialmente convidada, além de publicados em livro, serão agraciados com Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros) cada um oferecidos pela Prefeitura de Blumenau, podendo ainda haver menções honrosas se a comissão de seleção assim desejar.
7. Os poetas poderão enviar seus trabalhos à Fundação Casa Dr. Blumenau — Alameda Duque de Caxias 64, caixa postal 425, até o dia 1.º de março de 1982.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

A BONANÇA TÃO SONHADA

Em 10 de dezembro de 1859, o Governo Imperial baixou a respectiva ordenança e em 11 de janeiro de 1860, deu ao Governo Provincial de Santa Catarina conhecimento do convênio firmado.

E assim a Repartição das Terras Públicas tomou conta de todos os bens de raiz do Dr. Blumenau, isto é, terras numa extensão de 23,75 léguas (exceto alguns terrenos às margens do ribeirão da Velha e junto ao Salto, o pontal defronte ao posto (Ponta Aguda e o Morro do Aipim), compreendendo ao todo cerca de 8.500 jeiras, bem como todas as edificações, estradas, pontes, cemitérios, áreas para igrejas e escolas, plantações e o débito dos colonos para com o Dr. Blumenau, num montante de 40 contos de réis.

Tudo foi ajustado na base de 120 contos de réis, embora todos os bens tivessem sido avaliados em 146 contos de réis.

Descontou o Governo, entretanto, os 85 contos de réis do empréstimo concedido, de modo que para o Dr. Blumenau sobrou apenas o saldo de 35 contos de réis.

Quando Fritz Müller soube da transferência da colônia para o Governo Imperial, foi procurar o Dr. Blumenau, na Colônia, para saber o que realmente havia se passado na viagem que o Dr. Blumenau fizera a seu conselho, à Corte, onde se demorou por mais de sete meses. E lhe perguntou:

— Então, Blumenau, você transferiu a Colônia para o Governo Imperial?

— De fato! Era grande demais o fardo de minhas dívidas. As responsabilidades e as constantes mudanças nos Governos Provinciais, como este último, do Dr. Coutinho, que muito trabalho me deu com a sua politicagem e perseguição. Ademais, não era minha intenção inicial colonizar em caráter particular. Se o fiz, foi premido pelas manobras da Assembléia Provincial, que indeferiu o meu primeiro requerimento em 1848 para colonizar através de uma firma colonizadora alemã, da qual eu próprio era o seu representante no Brasil.

O Marechal Ferreira de Brito, meu grande amigo, tinha na Assembléia um ferrenho adversário político, o deputado José Bonifácio Caldeira de Andrade. Ele teceu os seus pauzinhos e conseguiu derrubar o meu requerimento. Mas deram ao Presidente da Província o direito de estabelecer comigo um convênio particular ou através de uma

firma que eu fundasse. E foi isto o que aconteceu. Agora, a conselho do Marquês de Abrantes, tudo voltou para o Governo, desde que eu me compromettesse a continuar a administrar a Colônia, como seu diretor.

Não foi um bom negócio monetário para mim. Recebi apenas 35 contos de réis e fiquei tão somente com as propriedades do Salto, do ribeirão da Velha e a casa onde estava morando. Terei, com certeza, de comprar novamente o terreno, se quiser ficar morando nela.

— Bem, você, Blumenau, sempre foi um idealista e nunca um negociante. Agora bem compreendo o seu longo alcance. . .

— Exatamente, Fritz! O mais importante, em tudo isso, o contrato assinado não prejudicou o que já havia sido realizado. A minha aventura arrojada para muitos, se tornou realidade, porque assegurei a continuidade da minha Colônia, que sempre foi o meu sonho de colonizador para o que dei toda a minha mocidade, para que ele se concretizasse. Terminaram assim as minhas preocupações de ordem financeira. Já que elas não mais me atormentarão, poderei, com a cabeça livre desses tormentos, me dedicar de corpo e alma à prosperidade e à tranquilidade dos meus colonos que são a própria grandeza da minha Colônia.

— É, Blumenau; você de fato se livrou de um fardo por demais pesado para você sozinho. E, por pouco, não enlouqueceste.

— A solução encontrada devo-a, sem dúvida, à capacidade diplomática e ao prestígio junto ao Imperador do Marquês de Abrantes. Eu fico-lhe devendo mais este inestimável Serviço à minha Colônia.

— É sem dúvida, Blumenau, um grande diplomata, o sr. Marquês de Abrantes, além de um grande amigo nosso!

— O Governo votou verba para uma colonização em escala ampla e reconheceu as minhas realizações, nomeando-me Diretor da Colônia. Livro-me, assim, da politicagem na Província, para poder continuar a minha obra colonizadora.

— Até que enfim fizeram justiça a tudo o que realizaste em prol da colonização, no Império. E num país tão carente de braços estrangeiros!

— Obrigado, Fritz. Mas o que achei mais importante foi a boa vontade do Imperador, que só não me deu todo o seu apoio como conservou a denominação da Colônia, de "Colônia Dr. Blumenau", em minha homenagem. Isto me é muito gratificante, meu bom amigo Fritz!

— É, meu amigo, finalmente chegou para mim e para todos nós, colonos, a tão sonhada bonança!

**

NOVOS RUMOS

I

O Dr. Blumenau era extremamente meticuloso na administração das coisas públicas. Os seus relatórios, quanto ao emprego do di-

nheiro recebido dos vários empréstimos, eram claros e acompanhados sempre de todos os comprovantes das despesas realizadas.

Os irmãos Müller não tomaram parte na primeira administração da Colônia, desde que encampada pelo Governo Imperial, mas o Dr. Blumenau, todas as vezes que tomava uma medida de caráter administrativo, sempre os procurava para discutir com eles as medidas a serem tomadas, porque os considerava seus melhores colaboradores. Durante os 11 anos da ausência do Dr. Fritz Müller que lecionava no Desterro, eles sempre se correspondiam e se consultavam sobre a Colônia.

Quando escolheu os seus auxiliares diretos que compunham a sua primeira administração na Colônia, logo após a sua posse no cargo de Diretor, mostrou ainda no Desterro a Fritz Müller os escolhidos e foi pelo amigo plenamente aprovado. Eram os seguintes: Hermann Wendenburg, vice-diretor e guarda-livros; Hans Breithaupt e Emil Cdebrecht, agrimensores; Heinrich Krohberger, construtor; Theodor Kleine, secretário; Wilhelm Friedenreich (um dos 17 primeiros colonos), Juiz de Paz; Louis Sachtleben, sub-delegado; Theodor Schroeder, fiscal e os irmãos Reinhold e Viktor Gaertner, auxiliares.

O Dr. Bernhard Knoblauch era o médico, e o primeiro pastor evangélico, Rudolf Hesse; a paróquia católica foi contida ao padre Anton Zielynski.

As primeiras escolas tiveram como professores Fernando Ostermann e Victor von Gilsa.

Depois de ter dado posse à primeira administração da Colônia, o Dr. Blumenau leu o relatório-inventário, mostrando a situação atual de então e tudo o que existia na Colônia: 55 engenhos de açúcar e aguardente, 52 de farinha de mandioca, 3 fábricas de cerveja, 2 de vinagre, 6 manufaturas de charutos, 6 marcenarias, 3 pedreiros, 2 ferrarias, 6 carpinteiros, 1 lancheiro, 2 alfaiates, 3 sapateiros, 1 padeiro, 1 latoeiro, 1 farmacêutico, 1 médico, 2 professores, 1 parteira, 1 açougueiro, 3 casas de negócio de secos e molhados, 2 casas-de-pasto, 3 olarias e 1 cerâmica de louça, para uma população de 943 habitantes.

Existiam 245 cabeças de gado vacum, 37 cavalos, 753 suínos e 1.200 galinhas e patos.

Na sua administração particular, o Dr. Blumenau havia construído 6.844 metros de estradas carroçáveis e mais 10.000 para pedestres e cavaleiros.

A população da Colônia, de 943 almas, estava assim distribuída: Homens, 553 (59%); Mulheres, 390 (41%); Católicos, 64 (7%); Protestantes, 879 (93%); Crianças até 5 anos, 132 (14%); de 5 a 14 anos, 181 (19%); de 14 a 20 anos, 82 (8%); de 20 a 30 anos, 252 (27%) e de mais de 30 anos, 296 (32%).

O número de famílias ascendia a 171, compostas de 716 pessoas, sendo que 227 eram solteiros, estranhos a essas famílias.

Ao terminar a leitura do relatório a ser entregue ao Presidente

da Província, Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, o Dr. Blumenau comentou, gracejando:

— Parece que de hoje em diante, neste começo do ano de 1860, quando começamos a administração oficial da nossa Colônia, amainaram-se, pouco a pouco, as tormentas. Parece-me que cessou o poder mágico da posição desfavorável das estrelas, na hora do meu nascimento ou da minha chegada ao Brasil, as quais foram companheiras inseparáveis das minhas lutas tão difíceis e atormentadas, e que o meu velho companheiro das primeiras horas, Angelo Dias, sempre me aconselhava: “Dr. Blumenau, é bom o senhor procurar uma benze-deira”. O Dr. Blumenau falava gracejando, pois ele sentia-se feliz naquele primeiro dia de Diretor da sua Colônia. — Temos no entanto, 227 solteiros, num total de 943 pessoas. Precisamos, destarte, ativar mais os casamentos, visando ao maior crescimento da população. Parece até que os solteiros estão querendo me acompanhar na minha solidão, já que até hoje, com 41 anos, ainda continuo solteiro. Porém, devo dizer que já fiz uma investida frustrada, há 10 anos passados, mas vos asseguro que não continuarei outros 10 anos solteiro. — Todos bateram palmas, ao que o Dr. Blumenau respondeu com um largo sorriso. — Antes de terminar, quero ainda mencionar um fato interessante: temos agora Juiz de Paz, Padre e Pastor na Colônia, o que facilitará os casamentos.

E, anote-se no livro de atas desta primeira reunião administrativa que o primeiro nascimento na Colônia se deu a 6 de setembro de 1851 e que foi a filhinha do nosso pioneiro e um dos mais dedicados colonos, hoje elevado ao posto de Juiz de Paz, Wilhelm Friedenreich. Isto é, um ano e quatro dias depois da chegada dos primeiros 17 colonos, em cujo rol estava o venturoso pai desta primeira criança nascida em nossa Colônia.

Dou assim, meus amigos e colaboradores, por encerrada a nossa primeira reunião administrativa. Peço para que, antes de se retirarem, assinem, por obséquio, o livro de atas. Senhores! Começamos hoje novos rumos. Que eles nos levem à prosperidade e à grandeza da nossa Colônia!

**

DA MISSÃO DIPLOMÁTICA AO CASAMENTO

I

Ele, o Dr. Blumenau, quando se despedia de seus amigos no Desterro, disse para Fritz Müller, sua senhora e Hackradt, quando todos jantavam na casa do sábio:

— Volto à Alemanha, depois de 15 anos de ausência e tenho o pressentimento de que, desta vez, voltarei casado!

— Isto você já disse há cinco anos, quando, em 1860, da sua primeira reunião com o Diretor da Colônia, segundo Augusto me con-

tou, que não passaria mais 10 anos solteiro, depois da sua tentativa de casamento fracassado, na própria Alemanha, em 1850. Eu estava lá e você, todo entusiasmado, me falava em casamento. Mas o pai da menina não consentiu porque vivias num país selvagem, cheio de cobras e índios. Será que os nossos patricios mudaram de idéia sobre este país maravilhoso, Blumenau?

— É o que vamos ver! Tanto posso casar na Alemanha, aqui mesmo ou no Rio de Janeiro. Tudo depende de encontrar e encaixar a outra metade, porque eu acho que o casamento é a união de duas metades que, através do amor, formam o todo que dá origem a essa imensidão humana, o que vale dizer, a Humanidade.

Fritz Müller observou, sorrindo:

— Blumenau, você olhou para mim e fez uma imagem um pouco diferente sobre o casamento, isto é, realmente queria fazer pensando que eu, como materialista, iria discordar. Sim, porque é através do casamento que cumprimos um dos mandamentos da Lei de Deus: “Crescei e multiplicai-vos”.

No entanto, sou hoje um homem casado e bem casado, com a minha Carolina que aqui está toda sorridente e alegre ao meu lado. E desse, fruto do amor, nasceu a nossa filha.

Você sabe, Blumenau, que eu sou neto e filho de teólogos e que meu avô, como meu pai, foi pastor protestante. De maneira que nasci e cresci preso às algemas da religião protestante.

Quando me tornei moço e independente, a minha mocidade era a mesma de Engels e Marx e de outros transformadores das doutrinas econômicas e sociais. Com novas idéias avançadíssimas, pondo por terra as clássicas doutrinas de Quesnay, Stuart Mill, Adam Smith e tantos outros, desde cedo procurei sempre conhecer as origens de tudo e, aos poucos, fui me apaixonando pela natureza e tudo que nela existe.

O Dr. Blumenau interrompeu o amigo para dizer:

— Fomos nós os apaixonados da natureza, Fritz!

— De fato, Blumenau, nós, juntos, por ela nos apaixonamos.

Mas, aos poucos, fui me tornando um naturalista quase sem o perceber. Porém, os grilhões ortodoxos da família me impuseram a medicina como a ciência que deveria estudar.

Durante algum tempo, segui as imposições paternas, até que explodi com todo o poder da minha liberdade e rompi com todos os preconceitos sociais e religiosos e, obviamente, os familiares, ganhando os caminhos do materialismo.

Em toda esta caminhada, estava sempre ao meu lado Carolina. Ela se tornou a minha companheira em todas as lutas difíceis que enfrentei, em busca do nosso real e definitivo destino.

Até que surgiu a fada mágica do amor: o nascimento de nossa filha, que nos levou ao casamento, exatamente como você disse, Blumenau: “Através do amor se forma o todo que dá origem à imensidão humana que é, afinal, a Humanidade”. Ou melhor, é através do casamen-

to que a sociedade cumpre o mandamento divino de “crescer e se multiplicar”. Não é este também o teu pensamento, Blumenau?

— Exatamente, Fritz! Exatamente!

Fritz Müller continuou:

— Quando nasceu a minha filha, eu com esta mania de tudo observar, comecei a ver Carolina por um outro prisma” E a criança também. E, apesar de materialista, Blumenau, reconheço que, de facto, “o amor tudo constrói”. É impossível deixarmos de reconhecer esta verdade insofismável, indiscutível. Sim, pois vi que a criança é toda amor e que a mãe é a fonte geradora desse maravilhoso sentimento!

O casamento, Blumenau, apagou em mim a chama materialista que ardia com tanto entusiasmo, porque o amor, aos poucos, vai vencendo a matéria. Hoje, sou um homem dedicado à família, à ciência e espero, em pouco, na nossa Colônia, passar tranqüilamente os meus últimos dias.

Encaro a vida, hoje, por um prisma bem diferente daquele da minha mocidade.

— Como vão as coisas aqui por esta ilha, tão linda e interessante Fritz?

— Nada, Blumenau, se iguala às belezas naturais desta ilha admirável, onde vive um povo maravilhoso. Aliás, depois de tanta filosofia, é bom a gente se deleitar com o anedotário destes ilhéus, inteligentes e jovens.

Você sabe, Blumenau, que eu também tenho o meu “Ángelo”. O Anastácio, filho de português com escrava africana, excelente remador e conhecedor de todos os recantos e praias desta ilha de tantas belezas naturais, talvez as mais lindas do mundo. Muito inteligente, ele conhece o apelido de todos aqui da ilha, inclusive o meu.

— Muito bem! Então já és bastante popular para teres o teu apelido.

— Quando dou as minhas aulas, vou sempre de terno completo, gravata e sapatos lustrosos.

— Ele detesta andar de gravata. Sente-se como um enforcado — observou, carinhosamente, Carolina. Mas põe e fica muito bonito e elegante!

Aliás, eu tenho uma boa notícia para os senhores, Dr. Blumenau e Hackradt, — continuou Carolina sorridente e orgulhosa, fixando seu marido que a fitava surpreso e curioso — em carta recente Dr. Darwin chamou Fritz de, “Príncipe dos Observadores da Natureza”!

Os dois amigos aplaudiram e abraçaram Fritz Müller que, abanando a cabeça, dizia sorrindo: — Oh! Carolina, minha querida! Muito obrigado, meus amigos! Vamos então à história que estava contando:

— Mas, quando vou caçar os meus moluscos e crustáceos, ponho uma calça velha, que fica a meia canela, descalço, camisa já muitas vezes remendada pelas mãos habilidosas de Carolina, de mangas que

mal cobrem os meus cotovelos e um grande chapéu de palha para proteger-me do sol.

Na semana passada, Anastácio, enquanto remava e me olhava assim engalanado, me disse sorrindo:

— Doutô Fritz, o sinhô sabe que o povo já ponhô apelido no sinhô

— A...pe...li...do, Anastácio?!

— Sim, seu doutô, apelido e dos bom!

— Mas qual é o meu apelido, afinal

— Não sei não, acho melhó não contá! Meu pai sempre diz pra mim nunca tomá liberdade com o sinhô, que é doutô!

— Ora, Anastácio! Conte logo porque eu estou curioso.

— Eu só sei o apelido, quando o doutô tá assim vestido...

— Então, eu tenho mais de um apelido, Anastácio?

— Eu só sei este da sua roupa, como a que o sinhô tá vestido.

— Pois conte, vamos!

— É “espantalho”, seu doutô!

Fazia tempo que eu não dava uma gargalhada tão gostosa, porque a verdade é que quando eu saía para caçar os meus moluscos, era realmente, um verdadeiro espantalho e Anastácio aproveitou para dar também a sua gargalhada.

Este caso de apelidos, quando bem dados, como o meu, é a mais pura manifestação da cultura nativa e o mais alto grau de inteligência para retratar uma imagem, pitorescamente

Você já teve apelidos, Blumenau?

— Que eu saiba, não os tenho, Fritz.

— Pois eu aconselho a te casares logo, porque senão terás, muito em breve, o de “solteirão”. Quando é que embarcas?

— Para o Rio, amanhã e para a Alemanha, talvez daqui há uns quinze dias, já que na Corte é que receberei instruções para a minha missão diplomática.

II

Tudo na Colônia corria bem, exceto a vinda de imigrantes alemães, que escasseavam cada vez mais, o que muito preocupava o Dr. Blumenau.

A emigração alemã para o Brasil, em 1863 e 64 repentinamente, declinou para um décimo do normal. Em parte, devido à guerra entre a Prússia e a Dinamarca, em 1864, e desde fins de 1864, o próprio Brasil se encontrava em conflito armado com o Paraguai. E esses eventos que geravam uma situação desvantajosa, impedindo o Dr. Blumenau de cumprir uma cláusula importante do contrato firmado em abril de 1855, de trazer 4.000 imigrantes. Deste total haviam aportado aqui apenas 2.179, ao expirar o contrato em fins de 1864.

Assim, ficou acertado entre o Dr. Blumenau e o Governo Imperial, a ida do colonizador à Alemanha, com o fim de promover a imi-

gração para o Brasil, para o que lhe foi dado plenos poderes para o bom desempenho da sua importante missão.

Para tanto, foram-lhe concedidos também os recursos financeiros necessários para a viagem. O vice-diretor o substituiu na direção da Colônia.

A 18 de março de 1865, chegava à terra natal, após 15 anos de ausência. Viajou via Espanha, França, em cujos países tinha de cumprir missão especial.

Sem perda de tempo, meteu mãos à obra, comunicando-se verbalmente e por escrito com autoridades e particulares, entabulando negociações.

Fez publicar artigos de propaganda do Brasil e da sua Colônia, contestando informações errôneas e malévolas de agentes de outros países, na sua qualidade de agente do Brasil. Reuniu idéias que então lhe ocorreram, enfeixando-as num opúsculo impresso em Hamburgo, destinado aos Ministérios dos Estados alemães, em os quais a emigração para o Brasil era dificultada por regulamentos de exceção e dispositivos especiais. Nesse trabalho, expôs o problema em todos os seus aspectos.

Fala o Dr. Blumenau como fundador e diretor da sua Colônia. Refere-se às opiniões ecomiásticas sobre a sua atividade, manifestada pelo Imperial Ministério da Agricultura do Brasil e por diplomatas e cônsules alemães, bem como ao prêmio extraordinário recebido, pouco antes, na Exposição Internacional de Paris. Frisa que não o moveu nenhum objetivo egoísta. Salieta as intenções benevolentes do Magnífico soberano brasileiro e do grupo de estadistas clarividentes do Império, que desejam, com vivo interesse, precisamente a imigração alemã, para a qual tendiam a sua simpatia e os seus favores especiais, por verem nela um fator de cultura e progresso, estadistas estes que nem sequer queriam que o imigrante renegasse a sua língua materna.

(Continua no próximo número)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) editado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 11 de março de 1871

Colônia Blumenau, fevereiro de 1871. — Estatística:

O número de habitantes de nossa Colônia no ano passado aumentou para 6.188 pessoas sendo 3.142 do sexo masculino e 3.046

do sexo feminino. Pertencem à religião católica 1.128 e à evangélica 5.060 pessoas. Imigraram da Europa 28 pessoas. Nascimentos: 126 meninos e 117 meninas, num total de 243 crianças. Falecimentos: 61, sendo 39 do sexo masculino e 22 do sexo feminino. Destes morreram afogados, 4 e 3 foram mortos pelos bugres.

O estado de saúde em geral portanto, pode ser considerado excelente. Casamentos: 77, sendo 11 na igreja católica e 16 na igreja protestante. As duas igrejas em construção ainda esperam pela continuação das obras. As novas ruínas causam impressão desoladora e as paredes podem ruir inteiramente, caso não forem reiniciadas as obras imediatamente. Neste sentido, já são várias as petições remetidas ao Governo.

Além das duas escolas públicas, existem 9 escolas particulares, das quais 5 estão localizadas em bons prédios. Há 4 escolas novas a serem instaladas. O número de alunos é de 336, número este ainda em desacordo com o número de habitantes.

A Colônia possui atualmente perto de 10 léguas de caminhos carroçáveis e 43 léguas e meia de caminhos para cavaleiros, num total de 53 léguas e meia. Existem 241 pontes maiores e 381 provisórias. Canais existentes: 479 e Açudes; 353. Casas de material: 457 e provisórias: 1.024. Estabelecimentos agrícolas: 82 engenhos de açúcar, com uma produção de 9.590 arrobas de açúcar, 70 engenhos de farinha de mandioca, produzindo 12.880 alqueires de farinha, 68 alambiques, que produziram 70.200 medidas de aguardente. Na colônia existem 96 carroças de 4 rodas e 50 arados.

Indústrias: Existem 7 olarias, que produziram o total de 350.000 tijolos e 26.000 telhas, 24 serrarias, que preparam 10.100 dúzias de tabuas e 115.000 palmos de madeira de construção. Além dessas há duas cerâmicas, uma fábrica de cerveja e 15 engenhos.

De um modo geral a produção aumentou em 1870. No, entanto, o preço das tábuas, durante longo tempo, continuou aviltado, fato que evidentemente influiu desfavoravelmente no comércio do ramo.

A pecuária, comparada com o ano de 1869, melhorou consideravelmente, apesar das condições desfavoráveis do tempo, assim como também a fabricação de manteiga e queijo cresceu na mesma proporção.

A importação ainda supera a exportação, mas aos poucos vai se estabilizando. Esperemos que os esforços de muitas pessoas ligadas à vida econômica, sejam coroados de êxito, aumentando assim o bem estar da Colônia e atraindo assim os inúmeros imigrantes, desejosos de deixarem a Europa.

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo Histórico Municipal de Joinville.

ACONTECEU... --- --- Outubro de 1981

— DIA 1.º — A imprensa noticiou neste dia, a fundação da Associação Profissional dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares de Blumenau, ocorrida na noite anterior. Diz ainda que o ato da fundação foi acompanhado por um delegado da Federação Catarinense de Sindicatos e por membros da Subdelegacia do Trabalho. (JSC)

— DIA 2 — Em Fpolis, foi entregue o troféu “Amigo da Comunidade” a diversas personalidades do Estado, incluído o prefeito Renato Vianna.

— DIA 2 — Uma bela exposição de esculturas e entalhes dos artistas Max Hartmann e Avelino Dallabona, foi aberta às 20 horas no Saguão da FURB.

— DIA 7 — Foram entregues oficialmente ao Arquivo Histórico da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, pela direção da TV Catarinense, todos os filmes do acervo da TV-Coligadas Canal 3, produzidos a partir de sua inauguração. A doação foi recebida através dos membros do Conselho Curador e do diretor executivo da entidade e passaram a fazer parte do acervo histórico público, podendo, no futuro, serem lembrados fatos acontecidos na década de 1970, através dos 25 mil pequenos rolos de filmes de 16 milímetros ora ofertados e devidamente catalogados no Arquivo Histórico blumenauense.

— DIA 8 — Foi inaugurada a Mostra de Gado Leiteiro, promovida pela Prefeitura de Blumenau, a 3ª Expo-Feira Regional, contando com a presença de numeroso público e de expositores de diversos municípios catarinenses, com 185 animais pertencentes a 25 criadores.

— DIA 8 — Realizou-se um Concerto de Jazz no Teatro de Bolso “Prof. Gerhard”, coordenado pelo pianista Eduardo Vidossich, cujo concerto foi repetido nos dias 9 e 10.

— DIA 9 — Na Galeria Municipal de Artes foi aberta a Exposição de Gravuras e Esculturas do artista Haroldo Barroso, como parte do Projeto Arco-Iris, promovido pelo INAP-FUNARTE e participação do Depto. Municipal de Cultura.

— DIA 9 — Começou, nas quadras do Vasto Verde, a disputa da Taça Brasil de Basquete, entre os campeões do Rio, São Paulo, Goiás e Santa Catarina.

— DIA 10 — A Equipe “Viralata”, de teatro, apresentou, como homenagem à semana da criança, a peça “Cinderela”. O espetáculo

teve lugar no palco do Teatro Carlos Gomes com grande presença infantil.

— DIA 15 — Foi aberta a Exposição de Pinturas de Osny Shauffert, às 20,30 horas, na Galeria Municipal de Artes.

— DIA 16 — No Saguão da FURB foi promovida solenidade de abertura de Exposição de desenhos da artista Jarina Menezes, ocasião em que o Coral Universitário Livre da FURB ofereceu uma bela audição sob a direção do maestro Frank Graf.

— DIA 16 — No bosque do Bela Vista Country Club, realizou-se o jantar de lançamento oficial da XVIII Convenção Nacional da Câmara Júnior do Brasil, a realizar-se em Blumenau em junho de 1982.

— DIA 16 — Foram instalados oficialmente em Lages os XXII Jogos Abertos de Santa Catarina, com um belo desfile da maioria das delegações presentes.

— DIA 18 — Em Las Vegas, Estados Unidos, o brasileiro Nelson Piquet, pilotando sua Brabham, conquistou o título de campeão do mundo de Fórmula 1, após haver conquistado o segundo lugar no ano passado.

— DIA 19 — No Anfiteatro da FURB, às 20 horas, o Cônsul Geral da Itália, Dr. Guido Borgomanero, proferiu palestra ilustrada com violino, sobre a vida e a obra de Paganini.

— DIA 21 — No grande auditório do Teatro Carlos Gomes, os artistas Jorge Hartke e T. Jucksch, deram recital para regular público.

— DIA 23 — Como registro especial pelo início da Semana da Biblioteca e do Livro, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" lançou, neste dia, um novo Concurso, desta vez para poetas, denominado "Poetas de Blumenau", cujos trabalhos deverão ser entregues à Fundação até março vindouro, após o que serão examinados e classificados por uma comissão especial, sendo que os poemas escolhidos serão publicados no livro "Poetas de Blumenau", juntamente com trabalhos de poetas convidados.

— DIA 23 — A Semana Nacional do Livro e da Biblioteca", foi assinalada, na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Mueller", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", com uma exposição de livros, especialmente de autores catarinenses, solenidade que contou com a presença da imprensa, rádio e televisão. A abertura da exposição foi feita pelo diretor-executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves.

— DIA 24 — Ao encerramento dos XII Jogos Abertos de Santa Catarina, em Lages, Blumenau conquistou mais uma vez a hegemonia, obtendo o maior número de troféus e de medalhas. Venceu pela 15.^a vez consecutiva, tendo trazido para Blumenau, 133 medalhas, sendo 56 de ouro, 53 de prata e 24 de bronze, além de 22 troféus, sendo 11 de ouro e 11 de prata.

— DIA 28 — Segundo divulga a imprensa local, cerca de 23 mil crianças foram vacinadas contra a paralisia infantil, sendo que isto representa apenas Blumenau, enquanto que nos demais municípios como Gaspar, Pomerode, Benedito Novo e Rio dos Cedros, foram vacinadas, vários milhares, atingindo um total geral de 31.265 crianças.

— DIA 28 — Às 19 horas deste dia, foi inaugurado, pelo prefeito Renato Vianna, o novo Centro Social do Distrito de Vila Itoupava, que passou a funcionar num prédio de 90m², ao lado da Intendência. Comportará um gabinete dentário completo, com médico e secções para cursos profissionalizantes.

— DIA 29 — Tendo por local o amplo ginásio de esportes "Sebastião Cruz", o popular "Galegão", teve início nesta noite o Quinto Festival Universitário da Canção, com a presença de numeroso público.

— DIA 29 — Com destino à cidade chilena de Valparaíso, embarcou neste dia o prefeito Renato de Mello Vianna, como convidado e hóspede oficial daquela cidade, onde passou alguns dias. O convite partiu do prefeito Francisco Bortolucci Johnston que em agosto havia visitado Blumenau e também fora hóspede do município por iniciativa do prefeito Renato Vianna.

— DIA 31 — O Grupo Teatral "Ribalta" apresentou-se, neste dia e no dia seguinte, na cidade de Taió, com as peças "Santa Albertina" e "Profissão Palhaço", ambas de autoria de Ivo Hadlich. A renda dos dois espetáculos reverteu em benefício dos formandos do Colégio Estadual Luiz Bertolli, daquele município.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

Transcrição do livro nº. 1 do "REGISTRO DAS INFORMAÇÕES E DESPACHOS DE TERRAS" da Câmara Municipal de Porto Belo — 1838 a 1843

Registro de um documento de terras do Capitão Domingos Luis do Livramento, morador na cidade do Desterro:

V.S. publica conforme com o teor de uma verba extraída do formal de Partilha, passado requerimento do Herdeiro Domingos Luis do Livramento, tirada do Inventário da falecida Dona Anna Francisca de Jesus: Haverá mais em seu pagamento uma légua de terras em quadro, citar no Rio de Itajaí-Mirim termo da Vila de Porto Belo, que confronta pelo leste com terras que foram de Manuel José Palmerim, e pelo sudoeste com terras que foram de Manoel Antônio Tavares, que pelo preço de sua avaliação de cinquenta réis a braça, acharam os Partidores importar a quantia de cento e cinquenta mil réis com que mandaram sair.

Nada mais se continha em a dita verba que aqui bem e fielmente fiz extrair do referido formal de Partilha ao qual me reporto em mão do apresentante que assinou com o seu teor este conferi e assinei em público e razo nesta cidade do Desterro cinco de agosto de mil oitocentos e quarenta e dois. Eu João Antonio Lopes Gondim, Tabelião que subscrevi, conferi e assinei em público e razo — estava o sinal público em testemunho de verdade: o Tabelião João Antônio Lopes Gondim — Domingos Luis do Livramento — Número quarenta e dois — Pagou cento e vinte réis de selo. Desterro cinco de agosto de mil oitocentos e quarenta e dois — Neponuceno Silveira — Mendes.

Registro da declaração da Informação da Petição de Manoel Joaquim Rodrigues Pereira — IIm.^o Exm.^o Sr. Em cumprimento do Despacho de V. Excía. de 6 de maio do corrente ano esta Câmara tem a informar a V. Excía. que pela declaração do suplicante Manoel Joaquim Rodrigues Pereira, se vê que as terras que pretende são no RIO DE CAMBORIU da parte do sul, fazendo frente no Rio, e estremando pelo nordeste com o Alferes João da Cunha de Souza, e por todos os demais lados, com terras devolutas, correndo os rumos da frente nordeste sudoeste, e fundos a sueste. A vista do que esta Câmara acha estar nos termos de serem concedidas ao suplicante pela razão desta Câmara as não ter ainda informado a pretendente algum porém sobretudo V. Excía. mandará o que servido. Vila de Porto Belo. Porto Belo, 30 de agosto de 1842 — Bernardo Dias da Costa —

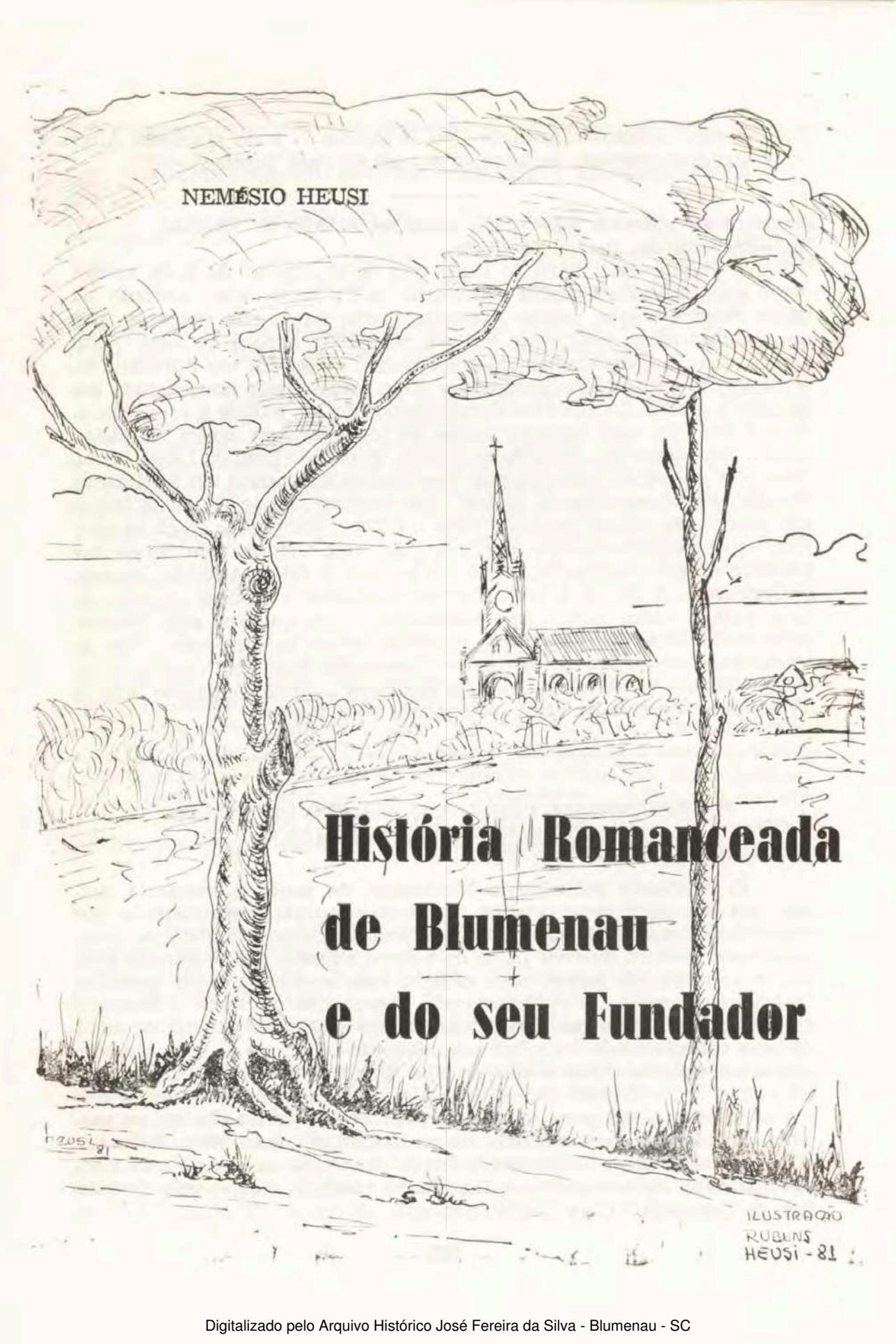
João Corrêa Rebelo — Antônio José Medeiros — João Machado Airozo — Antonio Moreira da Silva — e Antônio José Pereira.

Registro da segunda informação dada na Petição de Thomaz Francisco Garcia. Ilm^o. e Exm^o. Sr.

Em cumprimento do Despacho de V. Excia. de 8 de agosto deste ano tem esta Câmara a declarar a V. Excia. que Antonio Ignácio Pereira e seus sócios: nenhum direito tem a sua opposição, por quanto obtiveram licença de cultura em 19 de agosto de 1833 como consta dos seus documentos, porém nunca cuidaram em aproveitá-la, e mesmo nunca a trabalharam em ditas terras, pois pouco cuida em lavoura e a vista do que esta determinado por lei, parece a esta Câmara que nenhum que requeira terras, as pode ter sem serem ocupadas para o fim requerido, além do que tendo Bernardo Dias da Costa huma Sesmaria a qual faz suas frentes nos fundos das terras do Suplicante Thomaz Francisco Garcia, parece que concedendo-se aquelas terras aos suplicados, causa confusão para o futuro, porquanto traça as confrontações daquelas terras; por isso julga esta Câmara não devem ser concedidas aos Suplicados, e até parece que o dito Antonio Ignácio as requereu, já foi para perturbar ao suplicante na posse em que estava, pois as tinha dentro de seus marcos. E o quanto esta Câmara pode declarar a V. Excia. que mandará o que achar justo. Vila de Porto Belo, 30 de agosto de 1842 — Bernardo Dias da Costa — João Corrêa Rebelo — Antônio José de Medeiros — João Machado Airozo — Antonio Moreira da Silva — Antonio José Pereira.

**NA BIBLIOTECA PÚBLICA O ACERVO CULTURAL
DO PROFESSOR JOÃO MOSIMANN**

O Professor João Maria Mosimann, de saudosa memória, deixou um dos mais ricos e belos acervos culturais representado por numerosos livros e coleções que enriquecem qualquer biblioteca. Seus familiares acabam de doar parte do acervo edixado pelo estimado professor que durante tantos anos educou com rara capacidade gerações de blumenauenses. Os volumes estão representados desde o Tesouro da Juventude até outras obras importantíssimas para pesquisas, além de uma valiosa coletânea sobre a atuação da religião e de vários e conceituados autores. Com o recebimento deste acervo, a Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller" tornou-se ainda mais enriquecida e em melhores condições ainda para atender à população interessada em se instruir através das mais valiosas obras literárias e históricas deixadas pelo professor João Mosimann e agora ocupando as estantes de nossa Biblioteca. Somos gratos à família do saudoso mestre pela doação feita à Fundação "Casa Dr. Blumenau".



NEMÉSIO HEUSI

**História Romanceada
de Blumenau
e do seu Fundador**

ILUSTRAÇÃO
RUBENS
HEUSI - 81

LANÇAMENTO DO LIVRO DE NEMÉSIO HEUSI SERÁ NO DIA 18 DE DEZEMBRO

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" encerrará com chave de ouro as suas atividades histórico-culturais que vem desenvolvendo neste ano de 1981. Isto porque, em suas oficinas, imprimiu o livro de Nemésio Heusi que haverá de causar a mais agradável receptividade a quantos vierem a tomar conhecimento da obra, pelo valor histórico que ela encerra, embora seja romanceada.

Através desta revista, deixamos o convite a todos os nossos, prezados leitores para que, dia 18 de dezembro, às 20 horas, compareçam na sala de leitura e pesquisa da Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", para assistirem a solenidade de lançamento do livro, podendo ainda obter o autógrafo do autor. "História Romanceada de Blumenau e do Seu Fundador", este o livro que, sob os auspícios da Cia. Hering, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" conseguiu editar e trará na capa a marca artística de Rubens Heusi que soube muito bem ilustrá-la com motivos os mais significativos que dão relêvo ao conteúdo da obra do conhecido autor.

O diretor-executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves, foi honrado pela escolha de Nemésio Heusi para escrever o prefácio do livro. Nele está um resumo que diz parte da grandeza que representa a obra. Por isso mesmo, aqui vai na íntegra o que escreve José Gonçalves sobre HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR:

PREFÁCIO

Um livro escrito com o coração, inteligência e, acima de tudo, o entusiasmo de um escritor de avançada idade mas de espírito ainda muito jovem, está fadado a alcançar um lugar honroso e, sobretudo, ocupar um lugar de liderança no contexto de tudo o que se relaciona com a história da colonização de Blumenau e da região do Vale do Itajaí.

Foi assim que imaginei, logo que recebi os primeiros capítulos para serem publicados em "Blumenau em Cadernos", do trabalho de expressiva profundidade histórica, da autoria de Nemésio Heusi, com o título "História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador". Logo aos primeiros capítulos, eis que surge a idéia de que, além da publicação na revista, era preciso consubstanciar o valor deste trabalho num livro.

A idéia logo tomou vulto e teve o apoio financeiro necessário a que ela se transformasse em realidade. E aqui está a obra de Nemésio Heusi.

Editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", o livro de Nemésio Heusi faz-nos transportar para um passado longínquo e acompa-

nhar, passo a passo, como se vivos estivéssemos naqueles meados do século passado, a trajetória espetacular de um homem imbuído de uma força de imensas proporções. Aferrado a uma idéia, de fantastico poder de persuasão, não arredou um passo sequer do objetivo e, transpondo os mais difíceis obstáculos, concretizou um ideal, pelo qual sacrificou parte de sua vida de moço e, quem sabe, desperdiçou oportunidades outras de viver comoda e confortavelmente na Europa, mercê de sua privilegiada inteligência e fibra de conquistador de objetivos.

O próprio autor, inspirado pelos conhecimentos que tem dos mínimos detalhes da luta desenvolvida pelo personagem, acaba fazendo extravasar, nos diálogos que criou, as suas próprias emoções, "vivenciando", assim, a figura de Hermann Bruno Otto Blumenau, especialmente nos lances mais dramáticos da vida do fundador da Colônia.

A brilhante e jovial criatividade romântica de Nemésio Heusi, é a tônica autêntica de um romance que, fazendo fluir todos os fatos históricos que moveram o fundador, desde os primeiros instantes, em direção ao Vale do Itajaí, através de diálogos e narrativas, dá ao leitor a dimensão exata de uma das mais belas páginas da nossa história. Ao mesmo tempo dá margem a que os reflexos históricos contidos nos entremeios dos diálogos, permitam ao leitor acompanhar, em detalhes que enriquecem o conhecimento da história, todos os lances vividos pelo fundador e os dezessete pioneiros que iniciaram, na foz do ribeirão da Velha, as primeiras lutas pela implantação da colônia que haveria de ser, cem anos mais tarde, uma das comunidades mais progressistas das quantas formadas do país pelo braço vigoroso e a privilegiada inteligência dos alemães.

Dito isto, basta acrescentar apenas que, da leitura deste livro, muitos haverão de se identificar, de modo mais suave e muito agradável, com a história da colonização de Blumenau, assim como conhecer, em sua autenticidade, a figura admirável do seu colonizador, enquanto identifica, também, o romancista-historiador, a meu ver, na mais bela produção literária de seu vastíssimo acervo de obras produzidas até hoje, em sua maioria publicadas nas edições de "Blumenau em Cadernos".

José Gonçalves

Os Contos de Enéas Athanázio

Nereu Corrêa

Num pequeno artigo que escrevi sobre os contos de Enéas Athanázio, há alguns anos atrás, assinala-se que entre o seu livro de estreia, O PEÃO NEGRO, e o segundo, O AZUL DA MONTANHA, o autor havia alcançado um progresso considerável. Acompanhando a evolução da sua carreira literária, tenho verificado que Enéas Athanázio é um escritor que nunca está satisfeito com aquilo que escreve, não fica

embebecido a contemplar a obra realizada, como se nela houvesse esgotado todas as suas possibilidades criadoras. Se nos contos de PEÃO NEGRO a linguagem traz certa ênfase estilística, própria dos estreados, o mesmo não acontece em O AZUL DA MONTANHA, onde o estilo se despoja do supérfluo e ganha em expressividade, notando-se ainda um maior domínio na arte de conduzir a narrativa. É o escritor que toma consciência do "métier" e apura a sua técnica de livro para livro. A confirmação disso, vamos encontrá-la no terceiro volume de contos, MEU CHÃO (Editora do Escritor, S.P., 1981), onde ele surge na plenitude dos seus recursos, assinando alguns contos que podem figurar entre os melhores da ficção regionalista já produzidos no Brasil.

Entre os cultores do gênero, tem-se observado que poucos são aqueles que não se deixam seduzir pelo lado pitoresco, quer da linguagem, quer dos tipos que tomam por modelo, caindo inevitavelmente no anedótico e no inverossímil. É o que raramente encontramos nos contos de Enéas Athanázio. O pitoresco, que é um elemento específico e tipificador do gênero, não sufoca o aspecto humano das suas narrativas, notando-se, pelo contrário, uma íntima conexão entre o homem, a natureza e a linguagem, a trama ficcional desenrolando-se naturalmente dentro da moldura paisagística, e até incorporando-a como protagonista dos dramas retratados pelo autor.

Ao contrário dos livros anteriores, nem todos os contos deste volume são regionalistas, embora em todos sobressaia a nota regional. "O de casa" e "Poço de bica" são, a meu ver, os melhores contos do volume, os mais bem estruturados, notando-se uma perfeita consonância entre a narração e a concepção ficcional. Embora se trate de duas histórias bem diferentes, há todavia, no fundo, uma correlação entre ambos, que eu não sei se está no móvel que impulsiona os dois personagens, ou se nas gradações com que o autor arma o enredo para atingir o clímax. No primeiro conto, Enéas Athanázio remata a história com uma cena inesperada, configurando um desfecho dramático, ao passo que no segundo, o clímax não chega a deflagrar a cena final, deixando por conta do leitor a conclusão ansiosamente esperada. A primeira história se delinea no presente — partindo do sonho para a realidade —, enquanto a segunda se nutre do passado, partindo da realidade para o sonho, se a isso podemos chamar a história daquela personagem que, volvidos vinte anos, sai a percorrer perdidos vilarejos, metendo-se por alfurjas e prostíbulos, em busca da mulher que amara na mocidade. Em "O de casa" ressalta a simbiose homem-cavalo-paisagem, a mestria com que o autor associou esses elementos, como se tudo ali participasse solidariamente do drama que encontraria o seu desfecho na porta de uma igreja de interior.

Dignos de nota são os contos "Apito na perambeira" e "Cata jeca", não apenas pela graça e a envolvente frescura que emana das suas páginas, como também da capacidade de observação do autor, não lhe escapando os menores detalhes na pintura do quadro. É o que podemos chamar de histórias sem enredo. Nelas o episódio cede lugar

ao flagrante e ao documental. No conto moderno o enredo tridimensional foi substituído pela densidade da narrativa, enfocando um corte transversal da realidade ou um simples instantâneo da vida. Os contos sem história de Enéas Athanázio partem de personagens sem identidade, que integram um quadro típico ou um aspecto do quotidiano sem qualquer compromisso com um enredo predeterminado, onde possa acontecer alguma coisa. O primeiro retrata admiravelmente a chegada de um trem numa cidadezinha do interior. A estação é, ali, para os habitantes da vila, o centro do mundo. Ao apito da máquina na perambreira todos acorrem para assistir à chegada do trem, um espetáculo que se repete diariamente, reunindo ao redor toda a fauna humana do vilarejo. Pode parecer um espetáculo vulgar e rotineiro, mas, como diz o autor, “no fim daqueles trilhos, que parecem se unir na verdura dos campos distantes, estão o sonho e a esperança”.

O segundo conto, “Cata Jeca”, é a “linha”, o velho ônibus percorrendo os coxilhões, a sacolejar por estradas de mil curvas, conduzindo no seu bojo fatigadas e sonolentas criaturas. Com uma amostra da arte descritiva do autor, vale destacar este trecho: “Chegando, o ônibus buzina forte, anunciando, o som metálico se perdendo pelo campo. Cheio de arbuja, um guapeca faz um ecôo esganiçado, janelas se abrem e cabeças curiosas aparecem. Mas o velho matungo, impassível, continua rapando a graminha das veredas. Sacudindo o chapéu, o garoto faz uma saudação. Vagarosa, a linha se dirige ao ponto, antiga casa baixa e de reboco escurecido pelo pó. Guinchos de freio, uma acelerada derradeira. Estaca e silencia. O motorista estende o braço puxa a alavanca níquelada e a porta se abre, dobrando-se ao meio com um rangido seco. Depois levanta, espreguiça-se, anuncia em voz indiferente: “Ponto de café. Meia hora de parada!”

Em “Bicharada assustada” o autor se desvia do modelo até aqui adotado nos seus contos: uma incursão pelo que se denominou chamar de realismo fantástico, um tipo de efabulação divulgado por autores sulamericanos dos nossos dias, principalmente a partir do romance CEM ANOS DE SOLIDÃO, de Gabriel Garcia Marquez, mas que não é novidade na literatura de língua portuguesa, pois quer-me parecer que Eça de Queiroz foi um precursor desse gênero com o conto “O defunto”. Na literatura regionalista, conforme observou Salim Miguel, parece ser esta a primeira experiência. Simões Lopes Neto escreveu os contos que reuniu sob o título geral de Lendas do sul, mas são histórias baseadas em mitos e crenças populares, não constituindo propriamente uma invenção do escritor. Quase no mesmo estilo de “Bicharada assustada” é o conto “O companheiro”, o qual embora despido de cenas fantasmagóricas, tangencia as fronteiras do mistério.

Enéas Athanázio é um escritor que recria o dialeto regional ao nível da linguagem literária, sem incidir nos exageros do léxico nativo ou no excesso de estilização. MEU CHÃO é um livro que confirma os méritos do autor e enriquece a literatura catarinense com alguns contos realmente admiráveis.

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

PRIMEIRA EXCURSÃO DE TREM EM BLUMENAU. No dia 13 de fevereiro de 1909, uma quinta-feira, um trem de passageiros da Estrada de Ferro Santa Catarina, fez sua primeira viagem de Blumenau até a estação de Indaial, com cerca de 50 convidados que, atendendo a um convite do representante da Companhia da Estrada de Ferro, engenheiro Dr. Scheffler, tomara parte nesta excursão, organizada pelo referido engenheiro, em homenagem ao Deputado Federal Dr. Paula Ramos e o Cônsul Alemão, Senhor von Landmann que haviam chegado no dia anterior de Florianópolis.

O trem partiu da estação principal, na cidade de Blumenau (onde hoje se ergue o novo edifício da Prefeitura Municipal) pelas 9 horas da manhã e levou cerca de 2 horas para percorrer os 22 Km até Indaial, devido às várias paradas nas diversas estações e a marcha reduzida nos trechos ainda em obras de acabamento.

Assim os convidados tiveram oportunidade de apreciar as diversas obras de engenharia e de arte técnica, como as pontes, aterros, terraplenagem, escavações e cortes de morros. Sem quaisquer incidentes o trem chegou à estação de Indaial, onde os excursionistas foram recebidos pelo Intendente Municipal, senhor Struve e outras personalidades de destaque na vida social daquela localidade, sendo-lhes oferecido pelo Sr. Struve, em sua residência, refrigerantes e petiscos.

Na estação do telégrafo o Dr. Paula Ramos dirigiu telegramas ao Ministro da Viação, ao Governador do Estado e ao Senador Dr. Lauro Müller, dando notícias da primeira viagem realizada com o trem até a estação de Indaial, congratulando-se pela conclusão da primeira etapa deste empreendimento que é a Estrada de Ferro, geradora do progresso para o nosso Estado.

No regresso o trem parou na localidade de Encano, onde, na chácara do Sr. Ernesto Eckardt, sob a sombra do arvoredor foi servido uma suculenta churrascada aos convidados, ágape este que ficara a cargo do hoteleiro Franke, de Itoupava Seca, que providenciou para que nada faltasse, merecendo o elogio de todos.

Durante o ágape o Juiz de Direito, Dr. Ayres Gama discursou, brindando o deputado Paula Ramos, que agradeceu em belo improviso, enaltecendo Blumenau, que considerava o berço de sua carreira política. O senhor Francisco Margarida exaltou os merecimentos da Companhia da Estrada de Ferro, ali representada pelo engenheiro Dr. Scheffler, que vinha contribuir ao progresso e desenvolvimento do Estado, saudando, num brinde, o Dr. Scheffler e os engenheiros executores da construção.

Após a churrascada todos se dirigiram ao trem para regressar a Blumenau, pois já se anunciava, com negras nuvens nesse dia de intenso calor o seu desfecho numa forte trovoadá. Ao chegar o trem a Blumenau, desabou uma forte tempestade com chuva torrencial e, em carros de mola que os aguardavam na estação, os convidados retornaram aos seus lares.

A Estrada de Ferro Santa Catarina possuía inicialmente três vagões de passageiros que foram construídos na fábrica de vagões de Zypen & Charlier Ltda, em Köln-Deutz, Alemanha. Mede cada um dos vagões, 13m de comprimento por 2,60m de largura. As paredes são feitas de madeira seca e o soalho revestido de linóleo. Os vagões correm sobre 8 rodas em jogos de 4 ligados num treque sobre carrilados que facultam maior mobilidade em curvas fechadas. Cada vagão está dividido em um compartimento de I.^a Classe com 12 poltronas estofadas e o compartimento de II.^a classe, com o total de 40 assentos de madeira. Em cada lado os vagões possuem 7 janelas. Além disso existem porta-pacotes ao longo das paredes, por cima dos assentos. Possuem iluminação elétrica, com 6 lâmpadas, providas por baterias acondicionadas debaixo do soalho do vagão. Possuem uma plataforma na frente e outra atrás e são dotados de freios pneumáticos e freios de parafuso manual.

NAVEGAÇÃO FLUVIAL. A Companhia de Ferro Santa Catarina adquiriu cerca de dois terços das ações da Companhia de Navegação Fluvial de Blumenau. Em virtude de possuir agora a Companhia da Estrada de Ferro a maioria acionária da Companhia de Navegação Fluvial, foi eleito, na assembléia geral do dia 21 de Fevereiro de 1909, o engenheiro Dr. Scheffler, representante da Cia. Estrada de Ferro, para presidente da Companhia Fluvial.

Fazem parte da diretoria ainda os senhores Alvin Schrader, Gustav Salinger e Luiz Altenburg. Para membros do Conselho Fiscal foram eleitos os senhores Otto Rohkohl, Felipe Doerck e Julio Probst. Espera-se (comenta o jornal der Urwaldsbote) que a nova diretoria tome providências para reorganizar o serviço de transporte de cargas e passageiros e evite o favoritismo no despacho de mercadorias e as arbitrariedades por parte dos empregados.

Urw. n.º 70 de 27.2.1909 — **MALÁRIA** — Na zona acima do Rio dos Bugres (Apiúna) constantaram-se inúmeros casos de malárias, afetando principalmente os trabalhadores da construção da Estrada de Ferro. Turmas de 16 a 20 trabalhadores ficaram reduzidas para apenas alguns homens aptos para o trabalho. Consta que este mal, antes nunca existente na colônia de Blumenau, foi trazido por trabalhadores vindos da zona de Tubarão e que, portadores do bacilo, o transmitem, através dos mosquitos, aos demais aqui residentes. A Direção da Cia. Estrada de Ferro, ministrava doses de quinina aos doentes para debelar o mal, porém com poucos resultados.

Urw. N.º 71 de 3.3.09 — **SOCIEDADE DAS SONHORAS EVAN-**

GÉLICAS. NA assembléia geral desta sociedade, realizada no dia 28 de fevereiro de 1909, a Diretoria comunicou que já entrara em contato com a Ordem da Diaconisa de Zehlendorf, Alemanha, no sentido de serem enviadas duas irmãs diaconisas a esta cidade para atuar nesta sociedade na assistência de enfermos e principalmente parturientes.

**

Urw. nº 74 de 13.3.09 — ESCOLA PARTICULAR DA COMUNIDADE DE ITOUPAVA SECA — Esta escola realizou no domingo, dia 7 de março, uma linda festa escolar com a consagração de sua nova bandeira. O senhor Luiz Böttcher, que já por diversas vezes tem feito consideráveis donativos à escola, trouxe, de sua última viagem, da Alemanha uma linda bandeira que lá mandou confeccionar para a escola. Esta Bandeira traz de um lado as cores da bandeira nacional com as armas da Nação em rico bordado e do outro lado as cores da bandeira alemã. Infelizmente, devido as chuvas de uma trovoadas, não se realizou o préstito da casa do doador da bandeira até a escola e a cerimônia da entrega realizou-se no recinto da própria escola. Em discurso proferido pelo Presidente da Comunidade Escolar, senhor Hans Lorenz, referiu-se este ao significado do símbolo da bandeira, figura representativa da soberania nacional, exortando os alunos a sempre venerarem o pavilhão nacional e, quando homens, defenderem a soberania da pátria brasileira. O filho do senhor Böttcher entregou a bandeira ao professor Gottschalk, sob os acordes de banda de música. Os alunos cantaram então a canção patriótica de Rudolfo Damm, — "Minha casa paterna" — premiada com o primeiro prêmio no concurso recém-realizado pela Associação das Escolas de Santa Catarina, canção esta que foi muito aplaudida pelos presentes. Seguiu-se então uma festa popular, com rifas de prendas oferecidas pelo comércio local e trabalhos manuais executados pelas senhoras da comunidade que também se encarregaram de servir café e doces aos alunos e adultos. À noite realizou-se um animado baile. Desde que o professor Gottschalk assumiu a direção do ensino escolar, a escola tem demonstrado um considerável desenvolvimento, de forma que no início do novo ano letivo foi necessário subdividir os alunos em duas turmas e se fez sentir a necessidade de ser contratado um segundo professor.

**

GUARNIÇÃO MILITAR PARA BLUMENAU — Conforme o jornal "O DIA" de Florianópolis anunciou no começo do ano (1909) o 20º Batalhão de Infantaria, sediado em Aracajú, no Estado de Sergipe, será transferido para Blumenau, ficando apenas a 4ª Companhia lá, e formando as demais o 55º Batalhão de Caçadores que será sediado nesta cidade.

Para seu comandante foi nomeado o Coronel Crispim Ferreira, sendo designado como seu ajudante o Capitão Valgas Neves. O batalhão chegou no começo do mês de Março de 1909 ao Rio, de onde em

breve partiria para o seu destino nesta cidade. É estranho, (comenta o jornal Urwaldsbote) que as autoridades do Município até hoje (dia 13.3.09) ainda não receberam qualquer comunicação e em face disto nenhuma providência foi ainda tomada para o alojamento da tropa.

Sábado, dia 20 de março, chegou a Blumenau, vindo do Rio, o Coronel Crispim Ferreira, comandante do 55º Batalhão de Caçadores, que será destacado para esta cidade. Em sua companhia vieram o Capitão Cardoso, Tenente Nascimento e o Dr. Victor Konder de Itajai que foram recebidos e cumprimentados no porto, a bordo do vapor, pelas autoridades locais e representantes do comércio e indústria e várias personalidades de destaque na política e sociedade, os quais acompanharam os visitantes até ao Hotel Holetz. No domingo o Coronel Crispim Ferreira e sua comitiva visitaram em companhia do Superintendente Sr. Alvin Schrader e outras personalidades vários locais da cidade para escolher um terreno apropriado para a construção do quartel e ver algumas casas onde alojar provisoriamente o batalhão e a oficialidade e suas famílias. Segunda-feira os oficiais, a convite do senhor Engº Scheffler, representante da Cia. Estrada de Ferro, fizeram uma viagem de trem até a localidade de Ilse, acima de Warnow. O regresso do Coronel Crispim Ferreira e sua comitiva ficou marcado para o dia 25 de Março.

**

Urw. N° 77 de 24.3.09 — Com a designação da cidade de Blumenau, para sede de um Batalhão de Caçadores, apresentou-se um sério problema para a administração do Município, qual seja o alojamento da tropa. Por proposta do Presidente da Câmara, Sr. Luiz Altenburg, a Câmara aprovou a seguinte Resolução N° 48.

O Conselho Municipal de Blumenau decreta:

Art. 1.º — Fica authorisado o superintendente a contrair um empréstimo na importancia de 20:000\$000 (vinte contos de réis) em condições mais favoráveis possíveis para adquirir do Governo Federal o terreno e edificio em que funciona actualmente a administração municipal.

Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões do conselho municipal de Blumenau, em 22 de Março de 1909. Luiz Altenburg, Pedro Schmitt, Henrique Reif, João Hennings, Otto Hiendlmayr, Heinrich Wichmann, Engen Fouquet, Carlos Dorow, Carl Meyer.

Eu abaixo assignado, superintendente municipal de Blumenau, sanciono e mando que se execute a presente resolução do Conselho Municipal.

Blumenau, 23 de Março de 1909.

Alvin Schrader

Para esclarecimento desta resolução, assinala o jornal o se-

guinte: O edifício da Câmara, onde esta funciona e se acha instalada a coletoria estadual e se realizam as audiências e sessões do júri, pertence ao Governo Federal que antigamente até cobrava aluguel das várias repartições.

Agora, onde uma unidade do exército será destacada para Blumenau, ocorre a probabilidade do governo federal querer usar esta propriedade para alojamento do batalhão. A Câmara teria então de alugar uma propriedade. A menos de 40 a 50 contos de réis não se consegue comprar ou construir um prédio adequado e se fosse para construir para si a sala das audiências do Juízo um edifício próprio ou alugar um, seria difícil achar um ou então o aluguel seria muito caro. Além disso haveria o inconveniente de ficarem dispersas as várias repartições que até então estão todas reunidas num só prédio. Por isso a Câmara resolveu agora comprar o prédio em que está funcionando e se o governo concordar com a proposta, pode-se afirmar que este é um ótimo negócio para o Município, que por este preço receberá o imóvel quase de graça, pois os juros do empréstimo não irão a mais do que Rs. 1:200\$000 por ano e por tal quantia não há casa adequada a alugar. O Coronel Crispim Ferreira, que viajará nos próximos dias para o Rio, prontificou-se a apoiar junto ao governo federal a proposta do município.

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO D'ÁGUA. — Em virtude de uma resolução da Câmara Municipal, de dezembro de 1907, o Superintendente sr. Alvin Schrader, comprou a cascata d'água existente no lote do senhor Jansen, na Garcia, para servir, futuramente, por sua canalização ao abastecimento de água da cidade.

NOVO PRÉDIO DO ARQUIVO HISTÓRICO EM BOAS PERSPECTIVAS

O advogado João Carlos von Hohendorf, presidente do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", está otimista e muito esperançoso, juntamente com a direção da instituição, com as manifestações favoráveis de auxílio, por parte de algumas das mais antigas e importantes organizações industriais blumenauenses ou aqui instaladas com filial, para a construção do prédio que haverá de abrigar todo o acervo valiosíssimo do Arquivo Histórico Público pertencente à Fundação. As mensagens com exposição de motivos e fotografias, assim como do projeto da construção, entregues a estas empresas, foram recebidas com simpatia e a promessa de estudos acurados para encontrar, cada uma delas, o índice exato do quanto poderão destinar a esta construção que, depois de concluída, garantirá, para as gerações futuras, o mais rico e variado acervo de documentos, livros e fotografias históricas que relatam, em minúcias a evolução histórica da colonização da região do Vale do Itajaí e parte do próprio Estado.

É possível, assim, que já no primeiro trimestre do próximo ano, as obras começarão.

CUSTO DA ASSINATURA DE BLUMENAU EM CADERNOS FOI REAJUSTADO

Como tudo vem sofrendo reajustes neste país, é claro que o custo da nossa revista também está muito aquém daquilo que se vem cobrando por uma assinatura. É a mão de obra tipográfica, o papel, o custo do porte pelo correio, etc. tudo está muito acima dos valores ora cobrados pela nossa revista. Todavia, não vemos "Blumenau em Cadernos" como uma revista de interesse comercial. Sua finalidade é, como se sabe, inteiramente histórica e cultural. Por isso que a Fundação "Casa Dr. Blumenau" nunca visou e jamais visará lucros com a mesma. Contenta-se apenas com o suficiente para os encargos relativos às suas edições mensais. Daí a razão pela qual o preço da assinatura anual passa, a partir de 1982, para apenas 500,00 (quinhentos cruzeiros), o que significa dizer que, para o assinante, a revista não chegará a custar, em 1982, Cr\$ 50,00, apesar de suas 32 páginas. Isto acontece porque diversas organizações comerciais e industriais blumenauenses oferecem colaboração financeira no começo de cada ano (de acordo com a relação contida no verso da capa), custeando boa parte da obra, garantindo, portanto, o pagamento do papel necessário às edições mensais.

Eis porque nesta oportunidade, ao agradecermos a confiança e honra com que fomos distinguidos em 1981, pela preferência de nossos assinantes assim como pelas contribuições recebidas, esperamos, com muito otimismo que, em 1982, continuemos a merecê-las e assim possamos dar continuidade ao nosso trabalho e acolhendo com a melhor simpatia também, a colaboração de tantos amigos que nos têm auxiliado a manter sempre em evidência a nossa revista no cumprimento de uma iniciativa moldada por vontade férrea do saudoso José Ferreira da Silva e prosseguida até aqui com o mesmo fervor, inspirados sempre pelos exemplos deixados pelo seu fundador.

Finalmente, servimo-nos ainda deste espaço para desejar a todos os prezados leitores e colaboradores um Natal repleto de alegria e felicidade e um ano novo que traga a confirmação das esperanças de todos num porvir mais tranquilo, de paz e de harmonia para a família brasileira e para o mundo.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - VIII

BUBI BUTZKE

S. C. Wahle

Em fins da década dos 20s, certa noite Blumenau envolveu-se em um ar de profunda tristeza. No antigo cais do porto, em frente à Prefeitura Municipal, aglomerava-se uma pequena multidão para aguardar o rebocador Santa Catarina da E.F.S.C., que trazia o corpo de Bubi Butzke, embalsamado, em um caixão fúnebre internamente re-

vestido de zinco. Pouco depois da meia-noite, procedente de Itajai, aparecia o rebocador, e então todas as fábricas passaram a tocar os apitos e sirenes dando à cidade um ambiente triste e fúnebre. Voltava à sua terra natal, o primeiro blumenauense morto em acidente de avião.

Bubi Butzke, filho de pais humildes, criou-se com outros de sua idade, sempre alegre e brincalhão. Ao terminar a escola, foi aprendiz de mecânica de automóvel e passou a exercer esta profissão, até que teve de prestar serviço militar. Sentou praça na 9^a. Companhia de Metralhadoras Pesadas, aquartelada à esquina da Rua Bom Retiro com a Rua 15 de Novembro. Este quartel, com a transferência desta unidade militar, passou a servir de hotel e denominava-se Hotel Pauli. Como soldado, Bubi Butzke teve oportunidade de desenvolver os seus conhecimentos de mecânico, passando a desmontar, consertar e montar metralhadoras e outros armamentos. Dadas as suas habilidades, simpatia e gênio aberto, o capitão Thomé passou a confiar-lhe o carro do comandante, bem como a sua motocicleta. Nesta, Bubi Butzke mostrava suas verdadeiras habilidades.

Ao dar baixa do serviço militar, Bubi Butzke procurou horizontes mais largos para suas habilidades, transferindo-se para o Rio de Janeiro. Aqui passou a trabalhar no Kondor Syndicat, atual Cruzeiro do Sul onde, após treinamento na oficina, foi transferido para mecânico de bordo. Realizara-se seu grande sonho! Este, entretanto, não durou muito. Em serviço, ao participar de evoluções do avião "Santos Dumont", dando boas vindas ao pai da aviação, Alberto Santos Dumont, que entrava na barra do Rio de Janeiro, a bordo do Navio Cap Arcona, morreu com os demais ocupantes, quando o avião caiu no mar ao largo da Baía da Guanabara. O primeiro blumenauense vítima de acidente aéreo.

Nossos corais - ontem e hoje (III)

Elly Herkenhoff

No entanto, foi em torno do estandarte, do preciosíssimo estandarte ricamente bordado e confeccionado na mais afamada manufatura de bandeiras da Alemanha, do estandarte considerado pelo "Kolonie-Zeitung" uma "obra-prima da arte", do estandarte solenemente sagrado em Joinville a 25 de dezembro de 1889, que os ânimos realmente se exaltaram até que, a primeiro de julho de 1892, toda a questão foi solucionada por sentença do Juiz de Paz. Segundo aquele pronunciamento, a "Concordia I" pagou a "Concordia II" uma indenização no valor de 270\$000 réis e mais as custas do processo no valor de 30\$000 réis, ficando o "I" — o grupo do Presidente Wunderlich — não apenas com os móveis e utensílios, mas também com o estandarte.

E assim, durante 18 anos, até junho de 1909, Joinville teve

sua "Concordia I" e "Concordia II" — ou "Concordia" e "Concordia zu Joinville" (Concordia de Joinville) — apesar da insatisfação reinante, sobretudo entre os componentes do "II" logo após a ruptura, e apesar das muitas dificuldades que ambos os grupos, principalmente o "II", tiveram de vencer. . .

Para se avaliar as proporções da luta pelo estandarte, é preciso não esquecer que na Joinville de nossos avós não apenas as sociedades de canto, mas também as agremiações de atiradores, de ginastas — tanto na cidade como na zona rural — possuíam o seu estandarte, primoroso, luxuosíssimo muitas vezes, como símbolo da agremiação — o estandarte sagrado com grandes solenidades, depois de recebido da manufatura na Alemanha ou das mãos da bordadeira local. E isto acontecia não apenas em Joinville, não apenas em Santa Catarina, mas — como raras exceções — em todas as colônias fundadas por alemães, no Brasil.

Enquanto isso, os moradores da zona rural iam também oficializando os seus corais. Já em 1865 parece ter existido uma agremiação — não oficial, talvez — na zona do Rio da Prata, pois o "Kolonie-Zeitung" de 10 de junho daquele ano publica um convite do teor seguinte:

"Os Pássaros Canoros do vale do Rio Seco e do Rio da Prata convidam o "Sängerbund" de Joinville bem como todos os cantores da mata virgem, para um concerto na casa da estação".

Vinte anos depois, por volta de 1886, surgiram o "Brüder-taler Gemeindechor" (Coral da Comunidade de Brüdertal) e o Brüdertaler Jugendchor" (Coral Juvenil de Brüdertal), ambos do núcleo de "Brüdertal" (Vale dos Irmãos), localizado à Estrada do Sul.

É interessante notar que muito cedo aqui se cuidava da educação musical e vocal dos adolescentes e do seu agrupamento em corais. Assim é que um anúncio no "Kolonie-Zeitung" nos revela que, já em 1881, o então regente do "Sängerbund", Otto Müller, "atendendo às muitas solicitações" abria uma "Singschule" (Escola de Canto) para crianças entre 10 e 14 anos de idade. E já no domingo de Pentecostes de 1882, apresentava o seu "Jugendchor" (Coral Juvenil) em canções a duas e três vozes, no palco do Salão Berner.

Nos primeiros anos da década de noventa, nasceu outra sociedade das mais representativas em Joinville, a "Frohsinn" (Alegria), que se extinguiu, aos 80 anos de vida, por ocasião da Campanha de Nacionalização, decretada em 1938, pelo Governo Getúlio Vargas.

Muito cedo foram se organizando corais nas igrejas católicas, não apenas na cidade, mas também na zona rural, como a "Gesangverein der Katholischen Gemeinde", sediada no km 21 da Estrada Dona Francisca, tendo como regente o professor Sauer.

E a 18 de agosto de 1892 nasceu o "Evangelischer Kirchenchor" (Coral da Igreja Evangélica), por iniciativa da senhora Pauline Parucker, que regeu o grupo até 1898. Desde o início o coral teve marcante atuação, pois já a 18 de dezembro de 1892, quando se realizava a sagração da nova torre e dos sinos da igreja, localizada à rua Prince

sa Isabel, apresentou um magnífico programa. O coro, ainda hoje existente, sempre contou com excelentes dirigentes, entre os quais se destaca, pelo espaço de tempo — num total de 23 anos, que esteve à frente do conjunto vocal — o professor Ludwig Freitag.

Muito cedo se organizaram também corais nas igrejas evangélicas da zona rural. É impossível hoje fazer-se um levantamento de todos os conjuntos existentes desde os primórdios da colonização, nas igrejas e casas de oração distribuídos ao longo das estradas no interior do Município. Mas é certo que foram bem mais numerosos do que se possa imaginar a um relance superficial, assim como é certo que em cada uma das escolas, então mantidas pelos próprios colonos das diversas regiões, o professor organizava e mantinha um coral de alunos ou, em vários casos, até mesmo corais de adultos, homens e mulheres da respectiva "Schulgemeinde" (Comunidade escolar). E basta lembrar o número relativamente elevado de tais comunidades escolares, existentes no passado, para concluirmos que deve ter sido surpreendente a quantidade de corais, numa época em que mil dificuldades se opunham, tanto aos professores como aos participantes dos corais, já pela distância enorme, a ser vencida em muitos casos, para chegarem ao local dos ensaios. Havia comunidades escolares nos núcleos de Pedreira (hoje Pirabeiraba), Estrada do Oeste e Três Barras, Brüderthal (Vale dos Irmãos) Estrada do Schroeder, Rio da Luz, Itinga, Estrada Santa Catarina e outros.

A "Concordia II" — a facção da grande Sociedade que se desgarrara por discordar da mudança da sede e do local dos ensaios para o centro de Joinville — vinha lutando com muitas dificuldades, a começar pela falta de vozes, tendo por isso decidido, em assembléia geral de 1.º de fevereiro de 1895, promover a reunificação com a "Concordia I" — a facção do presidente Wunderlich, a facção que decidira, quatro anos antes, mudar a sede para o centro, de fácil acesso para a maioria dos sócios ativos. No entanto, por motivos hoje insondáveis, a maioria dos sócios passivos não concordou, rejeitando a proposição dos sócios ativos... e assim mais doze longos anos se esgotariam, até a concórdia final das duas "Concordias" — I e II.

No entanto a 2 de julho daquele mesmo ano, a "Concordia II" uniu-se à sociedade de canto coral "Zur Eintracht" (A Concórdia), existente desde a década de setenta sem com esta fusão alcançar sensível melhora da situação geral da Sociedade.

Quase ao findar do século, em 28 de novembro de 1900, surgiu a Sociedade de Canto "Dona Francisca", sediada no pequeno núcleo localizado à Estrada Dona Francisca km 21.

E pouco depois, talvez no mesmo ano, nasceu o "Sängerchor Pedreira" (Coral de Cantores Pedreira), no Distrito hoje chamado Pirabeiraba. O conjunto foi regido, durante muitos anos, pelo professor Gustav Ohde, o mesmo regente do coral da igreja evangélica do então núcleo de Pedreira.

Um conjunto surgido no primeiro ano do século, foi o "Neu-

dorfer Sängerbund" (Liga de Cantores de Neudorf) que, no entanto, somente existiu durante oito anos, encerrando as suas atividades, talvez por falta de regente.

Enquanto isso, um coral formado de adolescentes, surgiu em março de 1901, sob o nome de "Jugendsangerchor" (Coral Juvenil) — um coral sempre muito aplaudido nas muitas festividades em que se apresentou, fato que não surpreende, se recordarmos que desde a instalação da primeira escola na Colônia Dona Francisca, o Canto fazia parte das matérias de ensino.

O "Männerquartett" (Quarteto de Homens) dos primeiros anos do século, talvez tenha sido uma secção do antigo "Fidelitas", já atuante em 1875 e possivelmente ainda existente nos primeiros anos deste século. O certo é que a 26 de setembro de 1920 foi fundada uma nova sociedade — não de canto, mas de recreação — com o nome de "Fidelitas" que teve prolongada existência em Joinville.

Um fato de grande relevância foi a reunificação das duas facções da "Concordia" a 2 de julho de 1909. Era regente dos dois grupos o professor Albin Kohlbach e é provável que este fato tenha contribuído decisivamente para a reconciliação, que veio marcar o início de um período de constante desenvolvimento da "Concordia" a terceira das grandes sociedades de canto na Joinville de nossos avós.

Por volta de 1910 formou-se a sociedade de canto "Am Rio Bonito" (Às Margens do Rio Bonito), que parece igualmente ter atuado durante muitos anos.

E na mesma época surgiu o famoso "Joinvillense Mannerquartett" (Quarteto Joinvillense de Homens), sempre muito aplaudido em suas apresentações nas mais diversas festividades.

Outro conjunto foi o "Liedertafel" (Painel de Canções), talvez de efêmera existência, nos anos anteriores à I Guerra Mundial, e em janeiro de 1916 nasceu a Sociedade de Canto "Thalia" (Talia), sem nenhuma relação com a sociedade de teatro amador "Thalia", atuante durante o período de 1871 a 1898.

Em outubro de 1917, o Brasil se viu envolvido na I Guerra Mundial, o que trouxe a interdição do uso do idioma alemão nos lugares públicos e conseqüente retraimento em muitos setores da vida social da Cidade. Mas, terminado o conflito em 1918, pouco a pouco foi se normalizando a vida em Joinville, assim como no País inteiro.

A primeira sociedade de canto a surgir na década de vinte, a 3 de julho de 1922, foi a "Liederkrantz" (Grinalda de Canções), a grande sociedade ainda hoje existente sob o nome de "Sociedade Lírica". O primeiro regente foi Rudolf Kohlbach e a primeira diretoria se compunha dos cidadãos: Alidor Schramm, presidente, Wilhelm Korb, vice-presidente, João Werdorfer, secretário.

E a 2 de setembro daquele mesmo ano de 1922, concretizou-se um fato do maior alcance para a nossa vida social e cultural. Surgiu, após dois anos de consultas e tentativas por parte de homens de visão de Joinville, a "Vereinsbund" (Liga de Sociedades), englobando cinco

agregações, quase todas tradicionalíssimas na Cidade: as duas agregações de canto "Sängerbund" e "Concordia", a sociedade "Nur Für Uns" (Só Para Nós), fundada a 12 de setembro de 1895, uma das mais fortes sociedades de teatro amador, a sociedade "Zur Gemütlichkeit" (Ao Aconchego), fundada a 18 de julho de 1903 e a "Einigkeit" (União), fundada em 1912, sendo as duas últimas sociedades, recreativas.

Com esta fusão das cinco sociedades, a "Liga" tornou-se realmente um fator dos mais importantes na vida sócio-cultural de Joinville. A imediata aquisição do tradicional "Salão Kühne", que além de um palco razoavelmente espaçoso, possuía um vasto salão de baile, possibilitou a realização dos inúmeros ensaios e das inúmeras festividades das cinco sociedades agrupadas, na mais perfeita harmonia.

Na já mencionada "Crônica", publicada em 1937, por ocasião do cinquentenário da "Concordia", lê-se à página 29, o seguinte:

"As relações entre as diversas secções foram se tornando cada vez mais cordiais no decorrer do tempo. Os grêmios irmãos participavam cada vez em maior escala, dos ensaios comuns e das festas das diversas sociedades, de modo que os associados dos dois corais foram reconhecendo cada vez mais, que todos buscavam a mesma alta finalidade, e que esta finalidade é tanto mais fácil de ser atingida, quanto mais forte a união entre os grupos. E assim, na assembléa extraordinária realizada pelas secções "Sängerbund" e "Concordia" na quarta-feira, dia 9 de novembro de 1932, as duas sociedades de canto se uniram sob a denominação "Sängerbunt-Concordia". Na mesma assembléa foi eleito regente do novo coral, resultante da fusão, o senhor Wilhelm Hücke. . ."

(CONTINUA)

BANDEIRAS BRASILEIRAS HISTÓRICAS NO ARQUIVO DA FUNDAÇÃO

O Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi enriquecido nestas últimas semanas, com o recebimento por doação, de duas bandeiras brasileiras que, pela trajetória que realizaram e pela origem também representam um símbolo de alto valor histórico. Depois de catalogadas devidamente, estão protegidas numa cantoneira de vidro para que tenham uma duração muito longa através dos anos.

A primeira doação partiu do Presidente da Associação dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira, sr. Levy Malte, o qual ofereceu a primeira Bandeira Brasileira que foi hasteada em solo italiano pelas forças brasileiras integrantes do primeiro escalão que chegou à Itália. Está bem conservada e em condições de perdurar por muitos anos.

A outra bandeira, foi fabricada na Alemanha e de lá trazida, no ano de 1938, portanto um ano antes do início da segunda guerra mun-

dial, pelo sr. Otto Zonemann e foi confeccionada com pano especial, no qual utilizaram a afamada tinta Indantren. O sr. Otto Zonemann guardou consigo esta bandeira durante muitos anos. Pouco antes de falecer, após haver regressado da Europa aonde fora submeter-se a melindrosa intervenção cirúrgica, o sr. Zonemann doou a bandeira ao sr. Gabriel Pamplona que então a conservou com carinho até o dia 19 de novembro — Dia da Bandeira — quando compareceu à Fundação “Casa Dr. Blumenau”, trazendo consigo a bandeira e fazendo doação ao nosso Arquivo Histórico, onde permanecerá, juntamente com a outra bandeira histórica da FEB guardada com o mesmo carinho e cuidado com que são guardados, aliás, todos os objetos históricos, documentos e fotografias que vêm sendo confiados ao Arquivo Histórico Público de nossa cidade, que não é mais do que um depositário fiél de tudo aquilo que aqui é entregue pelas pessoas que fazem a doação. Todos esses documentos confiados à nossa guarda, continuam, é lógico, pertencendo a quem os doar, apenas somos seus fiéis depositários e zeladores, permitindo assim a que pessoas outras possam alcançar tais documentos e fotos para as pesquisas que desejam fazer, com o que sempre é mais enriquecido o acervo histórico cultural da cidade e da região do Vale do Itajaí.

AEMA nas comemorações do Dia da Ave/81

1 — Da Programação:

A programação alusiva ao Dia da Ave de 1981 — 5 de outubro, foi elaborada pelo Setor de Comunicação Social da Assessoria Especial do Meio Ambiente e contou com a colaboração e apoio das seguintes entidades: Sociedade Columbófila “Cruzeiro do Sul” — E. B. E. Carlos Techentin

2. — Do Uso dos Meios de Comunicação:

Para divulgação nos meios de comunicação locais foram preparados e selecionados frases de apelos conservacionistas que foram veiculados nas 7 (sete) rádios locais no período de 3 a 5.10.81, intercaladas na programação normal e durante os noticiários.

A TV Coligadas Canal 3 veiculou as frases em vinheta de áudio salientando a necessidade da preservação de nossa fauna e flora.

Entrevistas com o Assessor Especial do Meio Ambiente e com a Chefe do Setor de Comunicação Social, salientando os problemas ambientais de nossa região, e suas soluções, além de oferecer uma cober-

tura na programação. Durante o Dia da Ave foram gravadas 2 (duas) entrevistas para a rádio e 1 (uma) para a TV.

3. — Das Comemorações em Escolas

Foram distribuídas em 14 Escolas Isoladas, a cartilha o Guia do Pequeno Conservacionista, para 620 alunos

	livros
E.I.E. Braço do Sul	60
E. I. E. Ribeirão Areia	33
E.I.E. Treze de Maio	20
E.J.M. Dr. Blumenau	16
E.I.M. Prof. Rodolfo Hallerweger	25
E.I.M. Fortaleza Alta	20
E.I.E. Salto Weissbach	50
E.B.E. Carlos Techentim	100
E.I.M. Helena Winkler	50
E.I.M. Orestos Guimarães	50
E.I.M. Euclides de Castro	42
E.I.M. Alves Ramos	44
E.I.E. Itoupava Rega Alta	60
E.I.E. Itoupava Rega Central	50
Total de 14 escolas	620

4. — Da Comemoração Especial

Na Escola Básica Estadual Carlos Techentim, às 10:00 horas do dia 05.10.81, houve a solenidade alusiva ao Dia da Ave.

Presentes à solenidade, membro da Sociedade Columbófila Cruzeiro do Sul o Sr. Otávio Penha, Supervisor do IPEP Sr. Arno Reif, além do pessoal da AEMA, direção, professores e alunos da escola.

Após o Hino Nacional, os alunos da escola prestaram homenagem às aves com cantos e poesias.

Fizeram o uso da palavra, chamando a atenção da importância da ave no contexto ecológico brasileiro e nacional, o Assessor Especial do Meio Ambiente Alceu Natal Longo.

Em seguida os fiscais da AEMA, o Chefe do Setor de Fiscalização e Controle da Flora e Fauna, Antônio André Amorim, Sr. Arno Reif, Sr. Otávio Penha, foram convidados a dar início na destruição dos materiais de caça apreendidos durante o ano (fundas, alçapões, gaiolas, e caixas para apreensão de tatu), num total de 300 objetos.

Para finalizar as comemorações alusivas ao Dia da Ave, houve uma revoadada de 28º Combos na Escola.

Karin Lucia W. Mieke
Chefe do Setor de Comunicação Social

O LIVRO "ESPELHO DA ALMA" JÁ TEM PREFÁCIO

O aplaudido escritor paranaense Valfrido Piloto, cuja amizade com os que dirigiram a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e "Blumenau em Cadernos" — Prof. José Ferreira da Silva — Frederico Carlos Allende e o atual, José Gonçalves é, para ele, algo incondicional, tendo sempre prestigiado as iniciativas da instituição histórico-cultural blumenauense, acaba de dar mais uma demonstração do afeto com que vê a existência da guardiã da história da colonização desta região e, muito especialmente, o seu atual dirigente.

Tomando conhecimento, através do escritor Nemésio Heusi, de que José Gonçalves havia concluído seu terceiro livro intitulado "Espelhos da Alma", Valfrido Piloto manifestou muito interesse em conhecer a obra, já que havia lido os dois primeiros livros do mesmo autor — "Ele Sobreviveu" e "Dico", com geral agrado. Ao saber do interesse de Valfrido Piloto, José Gonçalves esteve há pouco mais de uma semana em Curitiba, ocasião em que deixou nas mãos do conceituado crítico literário e escritor, que também é membro da Academia Paranaense de Letras, o original de seu livro. Uma semana após, José Gonçalves recebeu em devolução o original, acompanhado de um prefácio redigido por Valfrido Piloto, no qual o notável escritor manifesta, de modo extraordinário, suas impressões favoráveis ao livro, justificando ainda o fato de que o autor de "Espelho da Alma", ao invés de estar iniciando nova trilha em suas atividades do escritor-narrador, continua envolvendo seus leitores com material substancialmente valioso, agora no aspecto da educação moral, ao escrever um livro de ficção em que os fatos apresentados são trazidos de uma realidade até certo ponto triste e violenta.

A importância do prefácio de Valfrido Piloto é de tão grande valor que, como pré-apresentação do livro em si, "Blumenau em Cadernos" publicará, na íntegra, na próxima edição que será em Janeiro de 1982.

**

ÍNDICE

Novo prédio da Prefeitura de Blumenau — (Foto da capa)	1
A História de Blumenau revela: (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	2
Excursão cultural a Trento — Itália — I — P. Victor Vicenzi . . .	4
Gustavo Krieger — “Um homem que ajudou a escrever, com sua vida, a história de sua cidade” — Maria do Carmo Krieger Goulart	5
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	9
Tipos originais de Blumenau — (Do livro de Paul Hering — Memórias — Aventuras e Anotações)	20
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	21
Crônica da família Lauth — Aloisius Carlos Lauth	23
Aconteceu . . . Novembro de 1980 — José Gonçalves	24
Aconteceu . . . Dezembro de 1980 — José Gonçalves	28
Você sabia? . . . Coord. de Frederico Kilian	31
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sueli Maria Vanzuita Petry	32
Antiga Alameda Duque de Caxias — (Foto da capa)	33
Você sabia? . . . Coord. de Frederico Kilian	34
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	36
A História de Blumenau revela: — (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	48
Excursão cultural a Trento — Itália — II — P. Victor Vicenzi . .	50
Aconteceu . . . Janeiro de 1981 — José Gonçalves	51
Gustavo Krieger — “Um homem que ajudou a escrever, com sua vida, a história de sua cidade” — Maria do Carmo Krieger Goulart	52
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sueli Maria Vanzuita Petry	57
Livros publicados pela Fundação “Casa Dr. Blumenau” - Redação	59
A. S. DE LETRAS — “O Dr. Blumenau” — Walter Waeny	60
Tipos originais de Blumenau — (Do livro de Paul Hering — Memórias — Aventuras e Anotações)	61
A opinião dos que nos visitam — Redação	62

Projeto do prédio do Arquivo Histórico concluído	62
Capa — Novo prédio para o Arquivo Histórico — Redação	64
A Sra. Gertrud Sierich recebendo a visita do Sr. Roland Otte em Hamburgo, no ano de 1958 — (Foto da capa)	65
Você sabia? ... Coord. de Frederico Kilian	66
Excursão cultural a Trento — Itália — III — P. Victor Vicenzi	69
Aconteceu ... Fevereiro de 1981 — José Gonçalves	70
Fundação "Casa Dr. Blumenau" no curso de conservação de livros e documentos — Redação	71
Valiosas doações de livros enriquecem a nossa Biblioteca — Reda- ção	72
Livros adquiridos pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" por Cr\$ 1.500,00 — Redação	72
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sue- li Ma. Vanzuita Petry	73
Regionalismo (') — Enéas Athanázio	74
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemé- sio Heusi	82
Uma visita emocionante na Alemanha — Roland Otte	89
Memória: Brusque no centenário de emancipação política — Ma- ria do Carmo Ramos Krieger Goulart	90
O prefeito da cidade de Heidelberg virá a Blumenau em setembro — Redação	95
A História de Blumenau revela: — (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	96
Irmã Aluisianis e o médico Alfredo Hoess — (Foto da capa)	97
Subsídios à crônica de Blumenau — Coord. e trad. de Frederico Kilian	98
Excursão cultural a Trento — Itália — IV — P. Victor Vicenzi	99
Valiosa coleção de fotos históricas de Blumenau — Redação	100
"Deutscher Turnverein zu Joinville" — Elly Herkenhoff	101
Cartas recebidas — Redação	104
O primeiro torneio mundial de skat realizado no Brasil, desenvol- veu-se em Blumenau — José Gonçalves	105
Vale do Itajaí é tema de tese de doutoramento na Sorbonne — Re- dação	108
Grupo escoteiro leões — Alfredo Scottini	109
Falta lugar para a estátua de Basílio — A. Cardoso	110
"Volkshoschchule" de Fulda (Alemanha) em visita a Blumenau — Alfredo Wilhelm	111
Curiosidades de uma época — I — S.C. Wahle	112
Professor João Mosimann — Redação	113
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemé- sio Heusi	114
Aconteceu ... Março de 1981 — José Gonçalves	121
III — Valata Azambuja: a carta de Pe. Eising — Aloisius Carlos Lauth	126

A opinião dos que nos visitam — Redação	128
Curt Hering — (Foto da capa)	129
Subsídios à crônica de Blumenau — Coord. e trad. de Frederico Kilian	130
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemé- sio Heusi	135
José Athanázio, meu pai — Enéas Athanázio	146
Curiosidades de uma época — II — S.C. Wahle	151
Excursão cultural a Trento — Itália — V — P. Victor Vicenzi	152
Aconteceu ... Abril de 1981 — José Gonçalves	154
"Deutscher Turnverein zu Joinville" — Elly Herkenhoff	156
Gustavo Adolfo Konder — Redação	158
Curt Hering — Nestor Seara Heusi	159
Subsídios à crônica de Blumenau — Coord. e trad. de Frederico Kilian	162
Homenagem à mãe — Elly Herkenhoff	165
A história de Blumenau revela: — (Documentos) — Trad. de Al- fredo Wilhelm	163
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemé- sio Heusi	169
Curiosidades de uma época — III — S.C. Wahle	177
Aconteceu ... Maio de 1981 — José Gonçalves	178
"Deutscher Turnverein zu Joinville" — Elly Herkenhoff	181
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sue- li Ma. Vanzuita Petry	183
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	184
Um esclarecimento — Dr. Afonso Rabe	185
Tipos originais de Blumenau — (Do livro de Paul Hering — Me- mórias — Aventuras e Anotações)	187
A opinião dos que nos visitam — Redação	189
Figuras do passado — (Hercílio Artur Oscar Deeke) — Frede- rico Kilian	194
Marcos histórico-religiosos do imigrante — P. Victor Vicenzi	201
No centenário de Curt Hering, as evocações de um legado de va- lor moral, clarividência e civismo — Valfrido Piloto	202
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemé- sio Heusi	206
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sue- li Ma. Vanzuita Petry	210
Você sabia? ... Coord. de Frederico Kilian	211
Sociedades — (Do livro de Paul Hering — Memórias — Aven- turas e Anotações)	212
Aconteceu ... Junho de 1981 — José Gonçalves	213
Crispim Mira — Enéas Athanázio	215
Acampamento escoteiro — Alfredo Scottini	217
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	218
Curiosidades de uma época — IV — S.C. Wahle	219

Manoel Pereira da Silva Jr. — José Gonçalves	220
Missão de Weingarten visita a Prefeitura de Blumenau — Redação	221
Um esclarecimento — Siegfried C. Wahle	222
Biblioteca Ambulante entregou prêmios — Redação	223
Fundação faz palestras — Redação	224
Você sabia? ... Coord. de Frederico Kilian	226
A história de Blumenau revela: — (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	228
Rio do Sul nos anos de 1908-1912 — Comp. por P. Hermann Stoer	232
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	234
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	243
Subsídios à crônica de Blumenau — Coord. e trad. de Frederico Kilian	244
Curiosidades de uma época — V — S.C. Wahle	247
Aconteceu ... Julho de 1981 — José Gonçalves	248
“Imagens de Blumenau” — Redação	249
Frédéric Brustlein — Elly Herkenhoff	250
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sueli Ma. Vanzueta Petry	252
Movimento da Biblioteca Dr. Fritz Mueller — Redação	253
TV Catarinense doou filmes à Fundação “Casa Dr. Blumenau” — Redação	254
Blumenau no Simpósio Nacional de Ecologia — Redação	254
Aeroclube de Blumenau em franca atividade — Redação	255
A opinião dos que nos visitam — Redação	255
Você sabia? ... Coord. de Frederico Kilian	258
Breve aspecto da economia nas colônias, em diversas fases da história Brasileira — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	260
Nossos corais — ontem e hoje (I) — Elly Herkenhoff	262
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	265
Edith Gaertner — Redação	266
Aconteceu ... Agosto de 1981 — José Gonçalves	267
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemésio Heusi	270
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sueli Ma. Vanzueta Petry	279
IV — Valata Azambuja: Os primeiros anos da “Santa Casa” — Aloisius Carlos Lauth	280
A história de Blumenau revela: — (Documentos) — Trad. de Alfredo Wilhelm	281
Fundação “Casa Dr. Blumenau” recebe verba para microfilmagem — Redação	284
“Comunidades protestantes alemãs no Brasil” — (Artigo publicado em 1866 pelo Dr. Blumenau) — Tradução de Frederico	

Kilian	285
Movimento na Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" — Redação	286
Doação de documentos e fotos históricas feitas ao nosso arquivo — Redação	287
Curiosidades de uma época — VI — S. C. Wahle	288
O colégio São Paulo, de Ascurra — José E. Finardi	290
Os anos que fizeram e ainda fazem a História de Ibirama — Ma- ria do Carmo Ramos Krieger Goulart	302
Curiosidades de uma época — VII — S.C. Wahle	303
Você sabia? ... Coord. de Frederico Kilian	307
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau — Comp. por Sue- li Ma. Vanzuita Petry	308
História romanceada de Blumenau e do seu fundador — Nemé- sio Heusi	309
Subsídios históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	316
Aconteceu ... Setembro de 1981 — José Gonçalves	317
Nossos corais — ontem e hoje (II) — Elly Herkenhoff	319
Você Sabia?...	322
Origens do Conjunto Educacional Pedro II	324
Brusque no ano de 1881	329
Concurso para Poetas Blumenauenses	333
História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador	334
Subsídios Históricos	341
Aconteceu... Outubro de 1981	343
Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau	345
Na Biblioteca Pública o Acervo Cultural do Professor João Mosi- mann	347
Lançamento do Livro de Nemésio Heusi será no dia 18 de dezembro	349
Os Contos de Enéas Athanázio	350
Subsídios à Crônica de Blumenau	353
Novo prédio do Arquivo Histórico em boas perspectivas	357
Custo da assinatura de Blumenau em Cadernos foi reajustado ..	358
Nossos corais - ontem e hoje (III)	359

**



FELIZ NATAL

Estamos no limiar de mais um ano de circulação. E não foi sem sacrifício que no decorrer de 1981 levamos a todos os que nos prestigiaram com sua atenção e leitura, o melhor de nosso trabalho.

Mas com a ajuda de Deus e de todos — colaboradores, assinantes e patrocinadores — continuamos o trabalho pioneiro do fundador desta revista, o saudoso professor José Ferreira da Silva.

Gratificados com o apoio e atenção de todos, sem o que nossa tarefa tornar-se-ia mais árdua e penosa, esperamos continuar recebendo a mesma solidariedade e estímulo durante o ano que se aproxima.

UM FELIZ NATAL E
UM PRÓSPERO 1982
SÃO OS VOTOS
DE TODA A EQUIPE
DE

“BLUMENAU EM CADERNOS”
Fund. Casa Dr. Blumenau

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial.*

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

